EXPEDIENTE.

Não podemos ainda hoje publicar a carta, que ha muitos dias recebemos do Sr. Dr. *Figueiredo*, justificando a eschóla de agricultura da Universidade de Coimbra, por ter adoptado para compendio a obra de *Raspail*. Egual desculpa pedimos aos auctores de outros artigos, a que ainda não podemos dar vazão: ou de livros remettidos a este escriptorio, para serem criticamente annunciados.

CONHECIMENTOS UTEIS.

REFLEXÕES SOBRE O PROJECTO PARA SE REALISAREM BOAS COMMUNICAÇÕES DE TERRA E AGUA N'ESTE REINO.

(*Veja-se o art.* 1081.)

1316 Louvo a patriotica intenção do A. do projecto; os erros da sua doctrina (se os tem, como creio) não maculam os bons desejos que o dictaram. No meu parecer, é inexequivel; e os seus calculos são vagos, abstractos, e só exactos em algarismos: um de nós erra, ¿e qual?... Decida-o a razão.

Se eu provar que o valor actual do vinho, não prefaz a despeza do costeio: — que a sua decadencia derivando-se de avultada producção, e diminuto consumo ha-de ser progressiva: — parece-me que terei demonstrado, que este ramo, a que a natureza havia confiado a maior somma de prosperidade do nosso malfadado paiz, corcomido, e quasi secco, por despreso, e incuria, não supporta o seu proprio pezo, que juncto ao dos impostos que já o opprimem, forçosamente quebrará, esmagando debaixo de si os incautos a quem abrigava a sua benéfica sombra; e essa evidencia, dissipará a idéa de novos tributos, como a vigilia dissipa, e desmente as de um sonho pavoroso.

O equilibrio entre a producção, e consumo, é lei natural e immutavel: tem sido desattendido quanto ao vinho por imprevidencia do Governo, e imprudente cobiça dos proprietarios: mas elle se restabelecerá a si mesmo, sobre a ruina de seus inimigos, e forçoso desamparo da maioria das vinhas: no entanto esse manancial de riqueza só brotará mizeria, os impostos actuaes ficarão em cifras, e os projectados nunca transporão os vastos dominios do impossivel. Sou naturalmente difuso, e não posso resistir ao desejo de cortar o meu discurso com a seguinte parábola. — Um homem possuía uma terra de que tirava a parca, mas necessaria subsistencia: havia n'ella uma figueira que lhe rendia annualmente 4$800 rs.: tentou-o o demonio dos calculos a ser rico, e figurou-lhe que se uma produsia uma moeda, mil que o terreno podia conter, produsiriam mil. A demonstração era de rigor mathematico, e convenceu-o a fazer a plantação, que obstou á cultura dos cereaes de que vivia. As figueiras prosperaram; mas nem a primitiva nem as outras lhe renderam mais um seitil, e o bom do homem viveu d'esmollas, e morreu no hospital. — A analogia dos calculos, e a mania de metter vinhas, que o illustrado *Marquez de Pombal* previnju, e curou, acham carapuças n'esta parábola.

Entro em materia. Provarei a primeira these, pela comparação da despeza que faz o grangeio de uma pipa de vinho, com o seu valor no mercado. A segunda pela sua notoria e evidente estagnação, assim como da agua-ardente, nas adegas dos Lavradores, e armazens dos Negociantes, ínfimo preço, paralytico movimento, e finalmente por sobrar o género, e faltarem os consumidores. Tractarei de vinhos ordinarios, por se excluirem no projecto, os de exportação e consumo de Lisboa e Porto (mais dispendiosos) e referir-me-hei ao districto administrativo de Leiria, e parte dos de Santarém e Coimbra (1) assim por me estarem em mais proximo contacto, como porque além do Minho (salva a excepção) os demais, ou não são vinhateiros, ou produzem ténue quantidade.

O terreno que em producção ordinaria dá 1 pipa de vinho, custa de grangeio: — para póda 6 homens, empa, inclusivè custo de junco e páus — 8 dictos, merguihia — 2 dictos, cava — 8 dictos, vindima e conducção das uvas para o lagar — 4 dictos, feitoria do vinho — 2 dictos. — Total 30 homens a 160 (incluindo o vinho que se lhes dá) (2)..... 4:800

Impostos	Para decima a 30 rs. por almude.. 900	1:550
	Para subsidio..... 250	
	Para congrua do Parocho, Expostos e fintas municipaes (vulgo ferrolho) sobre a propriedade, e o menos..... 400	
		6:350

Por mais que se exagere o preço de uma pipa de vinho no mercado nunca excederá a..... 4:000

Prejuizo do productor..... 2:350

Para completa convicção examinemos o valor das 3 ultimas colheitas d'onde data a mais precipitada decadencia d'este género.

Na de 1840, que se limitou a um terço da producção ordinaria, valeu o vinho no novo 7:200 rs. e sobindo na proporção do preço crescente da agua-ardente, chegou no seguinte abril a 10:500, com importunação de compradores. Os proprietarios mais ambiciosos que prudentes, calculando a extracção pela escacez, não quizeram vender mais que o absolutamente necessario ás suas immediatas precisões. No mesmo abril baixou a agua-ardente de um só jacto 50 por 100; não appareceu mais um comprador, e o vinho que pareceu reproduzir-se, ficou nas adegas, aonde ainda existe, ou se perdeu, ou foi queimado por conta dos donos, não chegando a obter 3:000 rs. por pipa.

Na de 1841, tão abundante como inferior, o primeiro preço foi de 3:000 rs.; mas quasi nominal: desceu logo para 1:800, e em breve chegou a zero. N'este anno poucos lavradores salvaram a despeza da vindima, e alguns conheço, que alugando vasilhas, o producto do vinho não lhes chegou para o aluguer.

Na de 1842 mediana, mas de excellente qualidade; abriu-se o preço de 1:800 por pipa, hoje chega a 3:200; porém ha pouco quem compre, nem o permitte a falta de extracção e valor da agua-ardente que não cobre as despezas. Hei só tractado do preço para a caldeira, porque o de ramo, que este regula, é pouco perceptivel no mercado, e mesmo que fosse o duplo (a que nunca chega, nem póde chegar) ainda o primeiro conviria mais ao lavrador, por ser de bocca a fundo, a dinheiro de contado, e sem regeição na quantidade, e pouco escrupulo na qualidade, em quanto o segundo é fiado, e poucas vezes pago, requer superior qualidade que detriora, pelo moroso consumo, e diminutas porções que leva, e exigindo-o tão puro e limpo que deixa em pura perda do vendedor avultado sobejo não só de fezes, mas de vinho que a oscillação da tiragem tornou menos transparente. Finalmente é tão diminuto, tão dificil e tão prejudicial este consumo que não merece mencionar-se.

Ora sendo evidente que todo o género cuja valia não cobre

(1) Erradamente se chamam ordinarios, os vinhos d'estes districtos; exceptuando os dos terrenos baixos, e dos salgados só proprios para agua-ardente, ou para destruir os dos altos, com que a impericia e mal entendida ambição dos proprietarios costumam lotál-os, todos os outros são espirituosos, muito aromaticos e de excellente paladar. O seu defeito consiste na abundancia, e posição central que os condemna pela difficuldade e carestia dos transportes, a serem consumidos no paiz natal, ou exportados em agua-ardente. D'ahi provém o seu baixo preço, e o desprezo e ignorancia com que são fabricados. Removam-se estes obstaculos, e achar-se-ha que a maioria d'elles, não céde aos melhores do paiz.

(2) Os intendedores acharão diminuto este calculo, que deve comprehender, e nivellar solo, bom e máo estado das vinhas, e distancia a que ficam. Expressamente o fiz acanhado, e omitti muitas adições que deviam figurar n'elle, taes como: a de catar pulgão, e lagarta, assás dispendiosa, e que poucos annos se escusa, esparrar, tanôa, e aluguer ou juro do avultado cabedal que representa a vinha, o lagar, a adega, as vazilhas, e mais utensilios necessarios.

a despeza da producção, não só não póde auxiliar a publica, mas que contradiz a sua propria existencia, conclue-se a regeição do projecto por inexequivel, e imminentemente injusto, emquanto pertende condemnar poucas provincias, ou (mais exactamente) poucos individuos e os mais desgraçados do reino, a sacrificarem seus haveres, suor, e fadigas, ao bem de todos.

Infelizmente a residencia no campo, e a brevidade que me fórça a fazer estas reflexões ao correr da penna, privam-me de obter os esclarecimentos convenientes para analysar todos os calculos do projectó, e essa ignorancia, confina-me unicamente na demonstração, que destruindo-se a si mesma, reforçará os meus argumentos.

Pertende-se — 1.º, que 600:000 pipas de vinho, dictas de producção e consumo, deem o total do imposto: — 2.º, que este pesará unicamente sobre os consumidores. Concordo na producção; mas nego o consumo, e provarei que o imposto recairia sómente sobre os productores, se o veto do impossivel o não eliminasse. Se Lisboa e Porto, que contém o 6.º da população do reino; mas que sobresahem no todo, em opulencia, commercio, e riqueza consomem (exactamente) 40:000 pipas, não serei acoimado por diminuto, se em attenção á extrema pobreza das provincias, e a não ser o género da primeira necessidade, arbitrar 20:000 a cada uma das outras cinco fracções, o que dará 100:000 pipas, e addicionando-lhe 50:000 de exportação, e 40:000 de consumo das dictas cidades, teremos o total de 190:000 pipas. Pergunto agora quem ha-de consumir e pagar o imposto das 410:000 que sobram?... O das 90:000 extrahidas em exportação e consumo de Lisboa e Porto, escuso de perguntar a bolça de que ha-de sair, por que do d'estas, absolve o projecto os consumidores, e o d'aquellas é com injustiça notoria restituido aos negociantes que o não desembolçaram. Aqui temos pois, conforme o projecto, o lavrador a pagar por 600:000, e a receber por 100:000 (o que ainda não é exacto) e resulta tambem a impossibilidade do consumo. Ainda farei outro calculo. Estima-se a população do reino em 3:300:000 almas. Deduzam-se os habitantes de Lisboa e Porto exceptuados, os do Além-Téjo, Algarve, parte da Beira-Alta e Baixa; e d'outros districtos que se omitem por pequenos e variados, aonde a falta de vinho escacêa o consumo, todo o sexo feminino, o masculino até 18 annos, os enfermos, e os que não gostam de vinho, ou não teem com que o comprem, e quando muito ficará um 10.º da população, ou 330:000 consumidores, arbitremos meia canada diaria a cada um, e montará o total do consumo a 165:625 pipas. Dois terços d'estas ficarão para consumo, necessario, e forçado do productor, e um para venda ou 55:208 pipas, que auxiliariam o imposto com 41:406:000, unico contingente (se podesse realisar-se, no que não convenho) para a enorme somma de 450:000:000 rs. (3)

Como os fracos acham sempre adversarios valentes, confessando, como ingenuamente confesso, a minha ignorancia, não faltariam campeões que quizessem quebrar comigo as suas lança, tachando os meus calculos de ridiculos, e irrizorios, por exaggerados nas excepções das classes, que por consumirem menos, não deixam de ser consumidoras, diminutos na fracção a que reduzi a população, e mais ainda na porção individual; mas reconhecendo o perigo deixei em reserva auxiliares invenciveis que vão manter o campo.

1.º O tributo do real d'agua que impõe 36 réis por almude, a todo o vinho que se vende para consumo interno, e 32 réis por arroba de carne verde, só rende ao Thesoiro réis 87:667:352. (orçamento de 1841) Mais de metade d'esta somma, provém da carne que tem muito maior comsumo; mas suppondo que seja só metade, acharemos que o producto do vinho é de réis 43:833:676, importancia de 40:586 pipas, que é o mais a que se póde elevar a venda, as quaes dariam a favor do projecto sómente 30:439:500 rs. Nenhum outro ramo de Fazenda Publica é tão bem fiscalisado, porque admittindo denuncias, tomadias, e perdimento do tresdobro, estas odiosidades só convidam rendeiros que não acatam muito o 2.º e 7.º preceitos do Decalogo, e o povo querendo previnir os seus excessos, não só paga o que deve; mas em demazia; tambem aquelles não calculam os seus interesses, pelo producto exacto do imposto, que sempre cobram; mas pelos roubos a que os authorisa; por tanto póde e deve a venda ser menor; mas nunca maior.

2.º É obvio, que em geral a população dos districtos vinhateiros, se reduz ou a proprietarios, ou a jornaleiros, e homens d'officio, que se empregam no serviço braçal dos primeiros, e que vencem além do jornal, d'uma a trez canadas de vinho por dia. O consumo verifica-se, mas gratuito para uns, e em pura perda dos outros que perdem o vinho, e teriam de pagar o imposto. E faltando no mercado estes compradores, ou o total da população, d'onde hão-de vir os outros? Eis a razão porque o preço e consumo do ramo são imperceptiveis.

3.º Sendo, como no subsidio, lançado o imposto ao total da colheita, o lavrador perderia logo 10 por 100 em quebras de fervura, e fezes; 10 por 100 em derramamento das vazilhas, da tiragem, e outros desvios inevitaveis, e tão sabidos, que o subsidio manda descontar 20 por 100 do total manifestado: 30 por 100 no gasto necessario, e forçado da sua casa e serviços. Eis metade do imposto, ou 300:000 pipas a seu cargo, e sem indemnisação nem esperanças d'ella, e suppondo mesmo que as outras 300:000, se podessem extrahir, como o seu preço não cobria as despezas do fabríco, seria forçosamente da sua algibeira que sairia a outra metade; porém como ninguem dá o que não tem, da admissão do projecto não resultariam canaes e estradas; mas outro beneficio: acabar d'uma vez com esta industria, poupando-lhe as angustias da morte lenta, e dolorosa que a consome.

Concluo, Sr. Redactor, em logar d'aventar tributos a um genero, que está a espirar de pura inanição, procuremos se é possivel dar-lhe vida, e curar o mal, que progride pela acintosa mania de metter vinhas, pela decadente exportação, e pela mizeria publica que lhe tolhe o consumo interno. O remedio é violento, mas efficaz, e necessario. Obriguem-se os proprietarios a arrancar as vinhas dos terrenos baixos e proprios á cultura dos cereaes, a que os roubaram. Assim, restituiremos o sólo á sua producção natural, obteremos o equilibrio perdido, e acreditaremos, os nossos vinhos desacreditados pela má qualidade d'elles. Se deixarmos isto ao tempo, aquellas vinhas nunca se arrancarão, porque mais productivas, e menos dispendiosas, são as que melhor suportam o desgraçado preço actual; e serão victimas as dos terrenos magros e alcantilados, incapazes *d'outra* producção, e tão proprias d'esta, porque a sua superior qualidade, não mantem em concorrencia com aquellas, a grande differença da quantidade, e do custo do fabríco; e d'este modo essas aridas incostas hoje tão formosas e tão uteis, se reduzirão a baldios incultos, e maninhos, que só produzirão abrolhos, e albergarão féras.

Oiço que se projecta crear uma Companhia de vinhos na Extremadura; ignoro completamente as suas condicções; mas se interesses mercantiz ahi predominam, como é de crer, pouco ou nenhum favor obterá o género: se patrioticos, será um paliativo talvez funesto, e não a cura radical de que necessitamos. Aventará ella amplos, e novos mercados aos nossos vinhos? A sua fortuna, e a do paiz, premiarão esse valioso achado. Se não os descobre, como receio, o mal que consome os proprietarios, irá contagiar os accionistas. Immoveis, improductivos, e sempre crescentes depositos de vinho, esgotarão os seus fundos, e acabarão com a Companhia, e com os lavradores. Eis o que se antolha a um amigo do bem publico e

Seu assignante.

Jacinto Ignacio de Sousa Tavares.

Verride 16 de dezembro.

(3) Nos districtos indicados nunca o vinho superior excede a 20 rs. por garrafa, e o inferior a 10 rs. Em 1841, o melhor valeu sómente 10 rs., e o ordinario a 3 garrafas por 20 rs. Em termo medio, o vendedor a ramo, apenas obterá 360 por um almude de vinho, de que tem que pagar: 72 rs. de dois reaes d'agua, (para o Thesoiro e Municipio) 20 rs. para conducção, e pelo menos 80 rs. pelo seu trabalho ou jornal, minimo preço que dão os lavradores quando mandam vender por sua conta; ficando-lhe liquidos 188 rs., de que deve ainda tirar as despezas geraes de licença, guia para cada pipa, medidas, e aferição, renda de casa, quebras, e calótes inevitaveis, e então que póde ficar-lhe para indemnisar o lavrador das suas despezas, e habilital-o a pagar o imposto!

HISTORIA RESUMIDA DA INVENÇÃO E MELHORAMENTOS DAS MACHINAS DE VAPOR, PELO SR. VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO.

Continuação do capitulo III.

(Vem de pag. 244.)

1317 III. — Voltemos um pouco atraz, ao anno de 1791, para examinar a invenção de *M. James Sodler d'Oxford*, e de *M. Bark*, que já o tinha precedido. Lembraram-se estes dois inglezes de fazer mover umas rodas de grande diâmetro por meio de um jacto contínuo de vapor em alta temperatura, que devia saír dos raios d'ellas por aberturas ou orificios convenientemente dispostos nas extremidades e reagir contra o ar, a fim de que as rodas se movessem em sentido opposto á reacção: em summa era o mesmo invento de *Heron de Alexandria*. — Logo porém se conheceu a pouca força d'estas máchinas, e o muito disperdicio de vapor, d'onde se seguia o do combustivel: — terei logo occasião de descrever outra mais perfeita, porém fundada no mesmo systema, e então farei conhecer melhor os defeitos d'elle.

IV. — Tambem tivemos n'este reino um homem distincto e digno de elogio pelos diversos trabalhos litterarios, que offereceu á real Academia das Sciencias, e que se acham impressos nas suas memorias, um homem distincto, torno a dizer, e de grande genio; postoque a sua invenção da máchina Rotatoria por meio do vapor, nem fosse nova nem de utilidade. Este era o Sr. Dr. *Constantino Botelho de Lacerda Lobo*, lente de Physica da universidade de *Coimbra*, e socio da mesma real Academia das Sciencias. Não são dignos de louvor sómente aquelles homens, que fizeram invenções admiraveis, tambem o merecem os que trabalharam no mesmo sentido, ainda que não podessem obter o fim proposto; porque muitas vezes as suas experiencias abrem caminho a novos descobrimentos.

Compunha-se a máchina do Sr. Dr. *Botelho* de uma caldeira cylindrica, enfiada por um eixo, e collocada verticalmente entre apoios convenientes. A ponta inferior do eixo movia-se embocetada sobre uma *arrã*, e a superior dentro de chumaceiras, prolongando-se um pouco acima dos apoios horisontaes que o sustinham. N'este prolongamento havia um carrête, que devia communicar o movimento a tudo quanto se desejasse. A caldeira, como estava collocada verticalmente, podia receber agua até aos dois terços da sua altura, e no ultimo terço tinha por um lado o orificio de saída para o vapor, o qual era feito um pouco obliquamente, tanto quanto a chapa o permittia para que o vapor saindo por elle reagisse contra o ar, e fizesse andar a caldeira com movimento rotatorio: applicava-se o fogo á meia base da mesma caldeira por meio de uma fornalha adaptada e propria. Evidentemente se conhece que este systema é o mesmo de *Heron de Alexandria*, e similhante ao de *M. James Sodler d'Oxford*, e de *M. Bark*.

V. — A invenção do Sr. Dr. *Botelho* foi logo aproveitada em *França* por M. *Verzi*, a quem o ministro do interior prestou os meios precisos para fazer experiencias em ponto grande; mas ignoro o seu resultado. Acha-se a descripção e estampas da máchina Rotatoria acima dicta no jornal de Coimbra do mez de abril de 1812 n.º IV.

VI. — Não me sendo possivel seguir á risca a ordem chronologica, em razão de querer acabar a historia d'estas máchinas rotatorias por via da simples reacção da athmosphéra, descreverei uma das mais perfeitas, que foi construida em *Nova-York* no anno de 1835, e applicada ao trabalho de uma typographia, mas ignora-se o nome do inventor.

Todo o apparêlho, compreendendo a caldeira e a fornalha occupava, sómente, um espaço rectangular de quatro pés e oito pollegadas de comprimento sobre dois pés e meio de largura, era feito de uma caixa de folha de ferro, com a base acima dicta, e tinha de altura 26 pollegadas. N'uma das extremidades estava a caldeira collocada verticalmente em relação ao seu eixo; era cylindrica, tinha de diâmetro dezessete pollegadas, e de altura septenta e oito. Debaixo da base da mesma caldeira estava a grêlha e cinzeiro; a chaminé passando-lhe pelo centro, prolongava-se e saía fóra do telhado. Tinha a sua válvula de segurança no tampo superior, carregada a ponto de poder fazer uma tensão de vapor equivalente a cem (*) athmosphéras sobre cada pollegada quadrada; duas torneiras de registo, e uma manilha para conduzir o vapor, que se introduzia pelo eixo tubular de uma cruzêta girante, a qual estava encerrada dentro de uma bocêta chata, cujo aro tinha 5 pollegadas de largura. Esta bocêta estava posta ao lado da caldeira; o vapor saía das extremidades da cruzêta por orificios obliquos, e contrapostos, de maneira que reagia contra o ar, e contra o aro ou parte annullar da bocêta. Era chata a cruzêta e de coisa de dezoito pollegadas de comprimento nos seus braços; o jacto de vapor saía por estreitas aberturas de tres oitavos de pollegada cada uma, formando á saída uma pyramide inversa, que logo ía encontrar a chapa annullar com a sua base. Aqui vemos outra vez o mesmo systema de *Heron de Alexandria*, e do Sr. Dr. *Botelho*; mas um pouco melhorado; pois emvez de se empregar a elasticidade do vapor contra o ar sómente, que pouco resiste, empregava-se sobre a chapa annular da bocêta, e salvos muitos desperdicios vinha a ser o mesmo que empregar-se na área de um pistão de cinco pollegadas de diâmetro. Obtido como deixo dicto o movimento de rotação, seguia-se que o eixo tubular e prolongado fóra das chumaceiras e bocêtas de estôpas, tinha na extremidade uma roda de madeira, a qual por meio de correias fazia trabalhar as bombas alimentarias, e mover os engenhos da typographia. Falta-me ainda dizer que a bocêta, aonde girava a cruzêta, tinha na parte superior uma manilha por onde saía o vapor perdido fóra dos telhados.

(Continuar-se-ha.)

DA OMNIPOTENCIA, E DA RESPONSABILIDADE DAS ASSEMBLÉAS LEGISLATIVAS.

(Vem de pag. 245.)

1318 ¿Mas como se concilia a omnipotencia parlamentar com a responsabilidade? ¿Ou dever-se-ha dizer que os membros do parlamento são irresponsaveis?

É sabido que a responsabilidade póde ser judicial, politica ou simplesmente moral. A primeira verifica-se quando o réo é chamado a responder de seus actos perante o competente juiz. A segunda quando é arguido, suspenso ou demittido pela auctoridade a quem compete o poder de elegel-o ou nomeal-o. A responsabilidade moral consiste no conceito e na censura, quer seja das auctoridades constituidas, quer seja dos simples cidadãos particulares.

D'esta terceira sorte de responsabilidade ninguem ha exempto, nem ha quem possa conceder exempção. Nós podemos olhar ou não olhar; mas como quer que olharmos não podemos deixar de vêr até onde alcança a nossa vista. Se o acto que encaramos se nos apresenta virtuoso, não está em nosso poder condemnal-o; se, pelo contrario é vicioso, não podemos deixar de condemnal-o, e, pois que offende nossos direitos, é nosso dever censural-o, salvas as considerações de prudencia e de decóro.

A estes necessarios effeitos da responsabilidade moral é a lei impotente para subtrair os mandatarios da nação.

Outro tanto se deve dizer a respeito da responsabilidade politica. A lei do estado que inhibisse os eleitores de retirar ao mandatario prejuro ou inepto, logo que sua deslealdade ou sua inepcia lhes são incontestavelmente conhecidas seria um enorme abuso do poder legislativo; seria um crime de lesa nação. O eleitor connivente se tornaria cumplice do mandatario incapaz ou infiel. Póde sim a lei constitutiva fixar uma épocha dentro da qual prudentemente se julga, que a

(*) O constructor commetteu n'isto um grande êrro; porque, tendo a machina dois orificios sempre abertos, nunca podia o vapor tomar similhante tensão: ter uma válvula assim carregada, ou não ter nenhuma, era a mesma coisa.

todo o eleitor é possivel formar cabal juizo do bom ou máu serviço do mandatario da nação; mas isso é tudo a que se póde estender a alçada do legislador.

Dois são os casos em que se póde conceber o mandatario da nação subjeito a responsabilidade judicial: o primeiro, quando offende os direitos d'algum cidadão em particular; o segundo, quando offende os de todos em geral.

Mas n'um e n'outro caso póde o réo ter por cumplice a maioria dos seus collegisladores, ou sómente a minoria, ou ninguem.

Se a lesão não compreende senão algum ou alguns individuos, a decisão tomada pela maioria não é lei, porque o character essencial da lei é ser uma disposição geral: e a maioria exorbitou das suas attribuições, entrando pelas do poder executivo ou judicial. Tomada pela minoria é um delicto collectivamente perpetrado e a parte lesada tem seu recurso traçado nas leis; recurso tanto mais sagrado quanto é mais grave o delicto commettido com abuso do character official de que o réo se achava revestido. Já se vê que a accusação procede muito mais facilmente perante o poder judicial, se o mandatario infiel foi só no commetter o abuso de que é accusado.

A lesão não recahe sobre direitos individuaes, mas sobre toda a sociedade em geral. Ha pouco mencionámos o caso da maioria haver exhorbitado de suas attribuições exercendo contra algum ou alguns particulares actos de poder executivo ou judicial. Mais grave é porém o seu delicto se, ou por similhante modo ou abusando dos seus poderes de legislador essa maioria desleal attaca a segurança e liberdade ou propriedade dos cidadãos, cuja protecção e defensa eram as condições essenciaes do seu mandato. Em tal caso os eleitores, depois de haverem exercido a sua jurisdicção da responsabilidade politica removendo os mandatarios infieis, os deixa relaxados ao ministerio publico para os chamar a juizo pela maneira que as leis houverem determinado para os casos das conspirações contra as liberdades publicas.

Sabemos que as mais das vezes o numero dos culpados e a alta posição que elles occupam na sociedade paralisarão o zelo do ministerio publico; mas esse é o facto e nós tractamos aqui unicamente do direito. O resto da legislação organica do reino fará menos efficazes, quando não possa destruir de todo, essa protecção que o crime nos estados mal constituidos costuma receber da prepotencia.

Quanto ás minorias culpadas de attentarem com o seu voto contra as liberdades publicas, como seus esforços não passem a factos consumados e seguidos, de effectivo prejuiso, ficam na cathegoria de impotentes tentativas, e devem reputar-se assaz punidos pela remoção que a justiça dos eleitores lhes deve ter infligido.

Faremos observar que nos governos falsamente denominados constitucionaes, onde o poder judicial é dependente dos agentes do poder executivo e onde o jury não tem mais probidade nem mais intelligencia do que permitte a condição censitaria e o acaso da urna do sorteamento, a responsabilidade judicial dos agentes dos poderes politicos será sempre uma escandalosa irrisão de todos os principios de justiça e de moral. Mas, tornamos a repetil-o, os governos pseudo-constitucionaes são factos e nós tractamos aqui unicamente do direito.

Mas, dizem certos homens: estados constituidos conforme a esses ápices de direito são meras utopias.

Sem duvida, respondemos nós: porque nada póde haver de perfeito sobre a terra; mas não é uma utopía emendar os erros e defeitos que se podem incontestavelmente reconhecer e prudentemente emendar. Para isso é que serve estudar e conhecer os verdadeiros principios de direito constitucional, que não são menos verdadeiros, porque nem sempre se podem levar a effeito, ou porque são difficeis de applicar.

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

FAUSTINO JOSÉ RODRIGUES.

11 de Fevereiro de 1829.

1319 Manda a razão e a justiça, e pede o amor filial, que eu escreva duas palavras sobre a vida e obras do mais benemerito discipulo de *Machado*, o Sr. *Faustino José Rodrigues*, meu pae e mestre. Não terá o sangue poder para que eu seja atrevido no contar, e deslize dos termos da verdade que sempre tomo por guia n'esse pouco que escrevo.

Nasceu o Sr. *Faustino José Rodrigues* em Lisboa aos 15 de fevereiro de 1760: sendo seus paes *Bonifacio José Rodrigues*, e *Anna Diniz da Serra*, e foi baptizado na freguezia de S. José d'esta cidade. Depois dos primeiros estudos, não intentavam seus paes applical-o ao exercicio das artes; mas descobrindo n'elle grande propensão para o desenho nos differentes boneços, e outros objectos, que continuamente riscava sobre o papel, e consultando com bom aviso a sua vontade se determinaram emfim em o applicar ao estudo do desenho, para que mostrava tanta inclinação. Poucos annos havia que na Impressão regia se estabelecêra uma aula de gravura, dirigida pelo nosso docto professor *Joaquim Carneiro da Silva*; a este se dirigiu o pae do novo educando com o fim de o fazer matricular n'esse estabelecimento; porém não póde obter ahi a sua admissão, talvez por se achar preenchido o numero certo dos discipulos, que o frequentavam: e por conselho do sobredicto professor se dirigiram ao insigne mestre *Joaquim Machado de Castro*, que festejando as boas novas que lhe denunciavam os progressos de seu futuro discipulo, insinuou ao pae o modo de obter a admissão do filho na aula de esculptura, addida á repartição das Obras publicas; conseguida a qual, foi matriculado aos 9 de dezembro de 1773. — Começou para logo a applicar-se com grande ancia aos estudos do desenho, e foram tão rapidos os progressos, que não contente das muitas horas que todos os dias empregava na aula, aproveitava em casa o tempo que lhe era dado para o descanso, furtando ao somno algumas horas para todo se entregar no estudo. Por este modo dentro em alguns mezes excedeu a alguns de seus condiscipulos, que já contavam annos de estudo; chegando a copiar varias academias, e outras estampas com tal perfeição, que não se distinguia a copia do original. Documentos bem vivos tenho d'esta verdade em algumas figuras delineadas e sombreadas por elle com uma correcção tal, e com

tão apurado gosto de tracejamento, que mostram bem que se se applicára á gravura, como fôra seu primeiro intento, seria tão bom gravador como foi esculptor.

Como se achasse bem adiantado no desenho, e proximo a começar o estudo de modelar, succedeu o fallecimento do Senhor Rei D. José I; e por este motivo esteve fechada a aula de esculptura dois para tres annos. Impellido meu pae pela força do seu genio, entrou a applicar-se ao estudo da pintura a óleo, valendo-se de alguns amigos professores d'esta arte para lhe darem as noções do manêjo das tinctas e pincéis; e com licções e assidua pratica chegou a tirar muito boas copias de varios quadros originaes, que lhe foram approvadas por seu mestre *Joaquim Machado de Castro*, pelo bem nomeado *Pedro Alexandrino*, e por outros professores, havendo alguns que lhe aconselhavam não deixasse jámais os pincéis para seguir a esculptura, que era arte mais laboriosa, menos procurada, e até que augurava menos interesses.

Desejoso seu mestre que elle os não perdesse, e se não perdesse um genio que tanto promettia pelo descansólo em que se achava, por se lhe ter acabado o vencimento ou pensão, de que gosava na aula de esculptura, que ainda se não tornára a abrir, se foi com elle, levando um painel historiado, e copiado por elle de bom original, ao Marquez de Angeja, que era então ministro d'estado. Recebeu-os este com satisfação, e dando parabens ao mestre por lhe caber a gloria de ter um tal discipulo, lhe offereceu alcançar de S. M. a Senhora D. Maria I uma pensão para ir a Roma, a fim de se aperfeiçoar na pintura, ou seguir conjunctamente a esculptura, como melhor lhe agradasse. O novo artista, consultando a sua condição, o amor de seus paes, e o da patria, preferiu ficar em Portugal, esperando occasião em que a aula de esculptura se abrisse para continuar com o seu bom mestre e amigo os estudos, e alcançar o seu perdido vencimento. Abriu-se a aula poucos tempos depois, e meu pae, entregando-se todo ao estudo da esculptura, deixou para sempre os pincéis. Poucos annos foram precisos para saber modelar, e para se applicar ao trabalho em marmore. Era ainda muito moço, quando obteve o gráu de ajudante na aula de esculptura, em 11 de octubro de 1786, e frequentando tambem os estudos da academia do nú, estabelecida na real Casa Pia, foi nomeado em conferencia dos professores d'ella para ser um dos substitutos da mesma academia, em officio que lhe foi dirigido em 19 de dezembro de 1787, contando então vinte e septe annos de idade.

Já seu mestre começava de o encarregar da execução de modêlos, e outras obras de consideração, a que elle pontualmente satisfazia com assiduo estudo e trabalho, dando provas de reconhecimento a quem devia as luzes da arte, sem o orgulho que é quasi sempre o companheiro subtil e inseparavel das almas mesquinhas e mal formadas. Os avanços de lucros que na mesma aula gozou, procederam de dois concursos em que sobre seus condiscipulos mostrou superioridade de talentos.

Com esta reconhecida superioridade de merecimento continuou a exercitar-se na arte, sendo entre os muitos ajudantes de *Machado* o de que elle mais se valia para o coadjuvar nas muitas, differentes, e difficeis obras de que fôra encarregado, algumas das quaes foram descriptas na minha breve memoria, publicada no n.º 9 da Revista Universal. Ajudou a seu mestre assim no modêlo grande da estatua da Rainha a Senhora D. Maria I, e execução da mesma estatua em marmore, como nos delicados modêlos da pia baptismal, e outras obras que se fizeram para a Basilica Patriarchal; nas estatuas do novo real palacio d'Ajuda, no retrato do sr. infante D. Pedro Carlos para o seu mausuléo, que foi para o Rio de Janeiro; no busto de marmore do Duque de Alafões, que existe na Academia das Sciencias; nos modêlos de um monumento á gloria do Senhor Rei D. João VI, que foi levado ao Rio de Janeiro; e n'outras muitas obras de grande ponderação e cuidado. Mas para confirmar a verdade do que deixo dicto, não passarei adiante, sem transcrever aqui as formaes palavras de *Machado*, expressas em duas attestações que passou em honra de meu pae: na primeira, entre outras palavras de louvor diz o seguinte: — «Assim nos desenhos, como nos modêlos, e mesmo no marmore, d'este genio é que me tenho ajudado, por lhe ter conhecido muita capacidade para isso.» — Na segunda, começa por dizer: — «Que fôra seu discipulo, e o melhor de todos, tanto em talentos, como em sua moral; por cuja causa S. M. houvera por bem nomeal-o por seu substituto, cujo logar tinha exercitado mui dignamente, contando 46 annos de serviços, etc.»

Quando *Eleutherio Manuel de Barros* soffreu o insulto da paralysia, foi meu pae substituir o seu logar de lente na aula do desenho, visto que *Joaquim Carneiro da Silva*, como substituto d'elle, pela sua muito avançada edade não podia servir quotidianamente. Entrou meu pae n'esta substituição em o anno de 1812, e permaneceu effectivamente na cadeira de desenho mais de doze annos, tendo subido em alguns d'estes acima de 70 o numero dos discipulos que a frequentaram. Aqui era incansavel nas licções, procurando por todos os modos o adiantamento dos discipulos, tendo por vóz e fama publica uma inclinação particular, um methodo e paciencia para o ensino dos discipulos que muito concorriam para os progressos que por esse tempo se fizeram n'aquella aula, sendo de todos os estudantes intendido, amado, e respeitado. Morreu entretanto o distincto artista e substituto de *Machado*, *Francisco Leal Garcia*, e meu pae foi provido no logar vago de substituto de seu mestre, exercendo então o logar de substituto em uma e outra aula, com incansavel trabalho, zêlo, e conhecido aproveitamento dos discipulos de desenho e esculptura; mas trabalho e zêlo que lhe foram mal recompensados, saíndo certo o dicto de nossos antigos, que *quem mais faz menos merece*.

Além das muitas obras em que coadjuvou a seu mestre, compôz e executou as seguintes:

Uma estatua de Venus, do tamanho natural, para o ex.mo Marquez de Bellas.

Dois bustos de Virgilio e Camões, tamanho natural, para o ex.mo Marquez de Borba.

Quatro meninos sentados, tocando varios instrumentos, para o mesmo.

O grupo de S. Stanisláo Kostka, recebendo a communhão das mãos dos anjos. Idem.

S. José, St.ª Eugenia, St.ª Barbara, e outras imagens. Idem.

No grande presepio d'esta casa tem a *Gloria*, *os Pastores da adoração*, *e um bellissimo grupo*, que se vê em uma das extremidades do mesmo presepio, o qual grupo é modelado no gosto de *Ferreira*, excedendo-o na correcção, e força do desenho.

S. Caetano para a ex.ma casa de Penalva.

Um baixo relevo de N. Sr.a, o menino Jesus, e S. João Baptista, de que existe o desenho.

É sua toda a esculptura em marmore que se vê no tumulo da Sr.a D. Maria I, que está no convento do Sanctissimo Coração de Jesus.

As quatro estações, em marmore, representadas em bustos, maiores que o natural, que estão no lago da real quinta da Bemposta.

Tres estatuas em marmore no vestibulo do palacio da Ajuda; que são: o *Amor da Virtude*, o *Amor da Patria*, e a *Intrepidez*.

A *maior e melhor parte dos modelos de figuras humanas que compunham a Baixella, que se dedicou a lord Welington, Duque de Victoria*, foram executados por este habil professor debaixo dos desenhos inventados pelo insigne professor *Domingos Antonio de Sequeira*.

Uma linda imagem de St.a Margarida de Cortona para o conego *Luiz Duarte Villela da Silva*; e outras differentes obras.

A *graça* e a *correcção* são as qualidades relevantes que respiram em todas as suas obras. Seu proprio mestre o confessa, quando descrevendo o termo *graça* em o diccionario d'esculptura, diz entre outras coisas: *que era um dom do céu, que não se ensinava; e que seu discipulo e seu substituto o Sr. Faustino José Rodrigues possuia uma boa parte d'este inestimavel dom.*

Foram discipulos d'este benemerito professor, na arte do desenho, os Srs. *Francisco Firmino Soeiro*, que tambem foi habil caligrafo, *João Corrêa Botelho, João Ribeiro Torres, José Maria de Sales, Pedro Lourenço, Antonio José da Silva, Luiz Thomé de Miranda, Antonio Galdino da Costa, José Joaquim Primavera*, ha pouco fallecido, *Caetano Alberto Corrêa, Luiz Gonzaga da Silva, João José dos Santos, Francisco Vasques Martins*, professor substituto na Academia de Bellas-artes, *Lucas José dos Santos Pereira*, academico de merito da mesma Academia, e outros. Nas artes de desenho e esculptura, tambem eu fui seu discipulo (proseguindo debaixo da sua direcção os meus estudos, por impedimento de molestia e avançada edade de *Machado*), os Srs. *Nicoláu José Possollo, Pedro d'Alcantara da Cunha, Joaquim Pedro de Aragão*, academicos de merito na Academia de Bellas-Artes, *Antonio Onofre Schiappa Pietra, João Gualberto Rodrigues*, meu irmão, e *Francisco de Paula Araujo Cerqueira*, que principiou o estudo de desenho e esculptura com meu pae, e continuou depois os seus estudos debaixo da minha direcção, e hoje é professor substituto da aula d'esculptura da dita Academia; de modo que póde affeitamente dizer-se que a maior parte dos artistas mancebos, que hoje existem, foram seus discipulos.

Não teve elle a ventura de chegar ao logar de lente em nenhuma das duas cadeiras, que substituíu com tanto aproveitamento dos discipulos, tanto louvor, e satisfação publica; porque além de lhe caber a sorte de substituir a dois professores, que morreram nonagenarios; na aula de desenho, depois de ter servido mais de 12 annos, foi preterido, e o logar de lente vago por morte do professor *Eleutherio Manuel de Barros*, que lhe pertencia inquestionavelmente, foi dado a outrem, que teve alta protecção. Tambem não adquiriu o de lente da aula de esculptura; porque existindo o professor *João José de Aguiar*, que possuia o decreto de substituto de *Machado* com preferencia á cadeira, nunca póde passar a lente, tendo aliás muito merito e serviços para o ser. Este professor era dotado de probidade e desinteresse, entregue ao estudo e exercicio da sua arte, a que dedicava uma constante e assidua applicação: occupado todo no desempenho de seus deveres, e na execução de muitas e differentes obras de que era encarregado, não lhe sobrava o tempo para procurar protecções, que por ventura são o melhor meio de adquirir fama, cargos, e bons interesses. Não obstante esta exemção, propria do seu genio, e applicações, S. M. o Senhor D. João VI lhe fez a mercê de o condecorar com a ordem de Christo, de que gosou poucos annos; porque sobrevindo-lhe pela segunda vez um ataque pleurítico a morte lhe cortou em poucos dias o fio dos trabalhos aos 11 de fevereiro de 1829, contando 69 annos, com inconsolavel desgosto de sua familia, com detrimento da instrucção publica, e com o sentimento de seus verdadeiros amigos, que sabiam avaliar o seu distincto merecimento.

Sirva esta desalinhada escriptura de um testimunho perenne de amor filial, de gratidão e saudade, que tributa á sua memoria

Francisco de Assís Rodrigues.

RÁUSSO POR HOMIZIO.

Romance Historico.

X.

Traição contra traição.

(Continuado de pag. 247.)

1320 Em breve planicie, que se alargava entre torcidas e estreitas veredas aguardava immovel um troço de homens d'armas e besteiros de cavallo o momento de arremessar os ginetes pelos plainos, que se estiravam ao largo; enfado e cançasso estavam todos denunciando nas posturas e movimentos; e a vista que alongavam pelas sendas, que prendiam n'esta clareira, revelava o motivo, que alli os detinha: esperavam algum aviso.

—¡ Hora de terça! — exclamou com modos irados um cavalleiro já de annos — ¡ leve o démo gamos e monteiros!... E nós desde o quarto d'alva por valles e serras como as rapozas matreiras a rastrear-lhe os passos!..... boa prêa corremos, mas desconfio já do lanço.... pois se perderam este, tarde será achar outro egual. ¡ Ah! ¡ Gonçalo Esteves já de volta!.... ¿ Então homem, resoam esses mofinos clarins? ¿ Por onde vai a abalada? que me parece tudo aballado juraria eu por Santiago.... ¡ nem sentida de longe se percebe aqui!.... ¿ avistaste alguem?

— É que longe e muito longe íam os fragueiros lá para as bandas....

— ¡ Sim! ¡ sim! ¿ Para o sitio que havemos mister; mas parou tudo de subito?...

— Senhor sim: é para maravilhar; bom vento sopra; e de pouco apupavam bozinas inda que esmorecida nos vinha a toada.... ¡ e callar de salto tudo!...

¿teria que?... ¡ah! olhade!.... ¡ahi temos noticia segura!

E o besteiro apontava para um caminho, que girava por entre oiteiros; á fulla-fulla se atirava um cavalleiro, que chegado ao pé; colheu as rédeas, e saltou abaixo mui ligeiro.

— ¿Que novas? — perguntou o velho com viveza.

— ¡Boas! — redarguiu o outro. — Senhor Martim Cravo surtiu effeito o plano....

— ¿E D. Mécia onde é agora?...

— Perto a tendes, que se transviou dos seus: em Coimbra arde o tumulto; os cavalleiros de Riba do Doiro cercam a alcáçova, e os populares acêsos em ira se junctaram no terreiro da sé com suas azevans e cutellos: a grita é espantosa; e já dois recados enviou o alcaide a elrei....

— ¿E requerem?

— Que se aparte sua senhoria da feiticeira; é seu prepoedor o armeiro Pero Britador.

— ¡Ah! ¡e eu aqui! ¿Aonde está D. Sancho?

— Gallopa a bom gallopar caminho de Coimbra.

— Logo que lhe soou o caso dispôz voltar á alcáçova; n'aquelle momento soubera pelo pagem Mendo como D. Mécia ficára atraz, perdida da cavalgada.... e determinou affastal-a.

— ¿Que aviso manda Portocarrero?

— Pede-vos que por atalhos e a bom correr lhe tomeis a dianteira; e aqui tendes o seu bulhão para o que sabeis.

— ¡Percebo! é tempo de acabar com os taes milhanos.... Escudeiro, com cinco dos meus sáe-lhe ao encontro, e avisa-o de que se fará tudo como requer... ¡Vamos! ¡andar, andar!

E o escudeiro com os cinco homens d'armas despediu logo á rédea larga, em quanto Martim Cravo voava pela estrada de Montemór.

A curta distancia toparam com a cavalgada da rainha; o escudeiro arredou-se com Portocarrero, e fallou-lhe em segredo por alguns instantes. — No rosto sereno e rizonho de D. Mécia não transparecia o menor vislumbre de pezar ou temor; n'um relance calculára ella todas as vantagens e riscos; e apurára todas as artes do seu ingenho agudo e prompto para dissepar este novo obstaculo: alcançou logo, que vencido o alvoroto peão se lhe abria limpo de estorvos o caminho da corôa; e que na lide, rompendo por entre as mós de populares desfeitas, a boa lança do rei havia de assellar com o ferro o pacto tacito de ambos; sabia egualmente, que apenas a signa real esvoaçasse tendida ao bafo ardente da peleja a tinham de rodear aquelles mesmos, que mais contrarios se declaravam contra o seu intento: e não era duvidoso, que no embater do montante do cavalleiro contra a azevan popular, voaria esta em rachas: — prevía tambem, que diante d'aquella lucta, se refreariam odios e ambições; e que a espada do rico-homem descería a embargar na garganta a voz do povo para que ao depois lhe não affogasse a sua.

Por isso do fundo do coração saudava a hora em que rebentára o incendio, que longe de relaxar o laço, que a estreitava a elrei o tinha de apertar mais; e que, provando com a adaga em punho o seu direito, a alçava ao throno a despeito, e por mãos dos que tentavam arredal-a: que esse throno assentasse sobre cadaveres truncados; que o salpicasse sangue de vencidos; e o amaldiçoassem gemidos e prantos de afflictos pouco se lhe dava.

E todavia o dedo de Deus escrevia n'esta hora, a par do dedo dos homens a eterna desventura de um rei, e secava para sempre estas esperanças doiradas, que lhe adejavam em roda, deslumbrando-lhe os olhos.

Emquanto os dois praticavam, D. Mécia ria, e continuava na conversação, que travára com o seu pagem.

— ¡Todos! dizes tu, meu donzel!.... recuaram muitos diante de suas achas afiadas... é feroz e cruel nas suas iras o povo; e quando mesteiraes, e villões o revolvem não se lhe estanca a sede senão em mar de sangue.... sabes o que os de Compostella obraram contra a rainha D. Urraca?...

— Sei; senhora minha: mas sei tambem como cortam espadas leaes por corpos de tredos!.... boa de beber se lhe affigura a taça, mas o trago mais amargo é o ultimo, e esse tem de o provar.... é o que vos digo!.... saíram todos os que sentem brios de cavalleiros á lide; mas Deus perdoe ao braço que vibrou o golpe! ¡o cutello ha-de espedaçar-se no encontro, mas a mão occulta, que o guiou!...

— ¿Não intendo o que receias?

— Não são receios, linda senhora, é certeza. Esse povo, que trasborda e ondea como vaga agitada pelas procellas não se ergue por si só.... ¡concerto encuberto, e traição de senhores desfecharam o tiro!....

— ¡Seja como fôr, meu donzel! — redarguiu a rainha depois de leve silencio — De um sei eu que me não ha-de desamparar, nem traír: não é verdade Mendo? ¡olha! ¡nunca novel anciou mostrar seu amor e esforço em lance arriscado, que tão cedo o lograsse!....

— ¡Nunca elle desejou tanto!... ¡cuidava o triste morrer só; morrer longe e esquecido; e agora reclinará a cabeça em terra da patria, e com o sopro a briza da sua primavéra, roçando-lhe pelos labios lhe colherá o extremo alento; se depois pelo formoso rozal vos suspirar perfumada e louquinha não a desprezeis, linda senhora, traz saudades de morte!... ¡aqui vive a roza!... na hora em que mão estranha vol-a entregar, dae-me um suspiro.... que o paguei com vida, e sangue!...

— Senhora, — disse Portocarrero, que ouvíra tudo sem ser sentido — Martim Cravo não está advertido para vos agazalhar como cumpre.... ¡se vos apraz, irá este bom donzel levar-lhe aviso!... mas parece elle cubiçar o maior risco por vos servir....

Mendo mediu-o com um olhar desconfiado e escrutador.

— Irei e já, senhor alcaide; só receio, que mais no caso esteja Martim Cravo, do que pensaes.... lá verei. — Senhora, recordae-vos do que vos disse: não é do cutéllo que fere, que me temo — ¡só me assusta a mão que o guia!... se todos vos desampararem.., ¡só um vos não faltará nunca!

— ¡Fallaes acertadamente! — acudiu D. Reimão — ide e breve: que no recado, que achardes, conhecereis, que raro nascem rosas em terra alagada de sangue....

A tenção ambigua d'estas palavras não a intendeu o pagem; córou e abaixou os olhos; a rainha cravou com ar suspeitoso a vista no semblante de Portocarrero: mas era frio, amargo, e sombrio o seu gesto como sempre.

D'ahi a poucos momentos tinha transposto o donzél o ultimo cabeço.

— ¡Avante! — bradou D. Reimão.

E seguiram todos á trote.

Luiz Augusto Rebello da Silva.

(Continuar-se-ha.)

O MONUMENTO.

1321 Postoque argumentando por analogia, do que tem sido para o que tem de ser, pouca esperança nos resta, de que este monumento do SENHOR D. PEDRO possa deixar de saír-nos vergonhoso — persistiremos até á ultima em sustentar a causa da arte, da moral e da nacionalidade. Se não convertermos os contumazes, haveremos illustrado aos de boa fé; se não impedirmos o maleficio, haveremos deixado aos portuguezes vindoiros, com que se consolem de uma vergonha monumental, respondendo aos estrangeiros, que lh'a exprobrarem — «*quando essa coisa ahi se fazia por conluio de alguns poucos homens, que se diziam portuguezes, contra esses homens e contra essa coisa bramia o nosso Portugal: o documento aqui o tendes n'estas paginas independentes.*» — Se o que escrevermos não valer como requerimento de embargo, valerá certo como historia de condemnação. Estas nossas humildes columnas, (saibam-n'o os pequeninos-grandes que lhes não respondem) não só hão-de durar mais que as de duzentos palmos de altura, mas emquanto alguma de duzentos palmos de altura ahi estiver no meio de uma praça, como ré no pelourinho exposta á vergonha dos seculos, que passarem, voarão as nossas por toda a parte clamando contra ella, pelas cidades, pelos palacios, pelos campos, pelos cazaes, pelas terras, pelos mares, por todos os reinos d'esse mundo; e a victoria de quem, pela teima brutal do poder houver triumphado das razões, saír-lhe-ha bem dolorosamente descontada pelo desprêso de quantos tiverem olhos para ler, ou ouvidos para ouvir, e intendimento para julgar.

Houve n'estes ultimos tempos um homem, que a natureza e a fortuna fizeram grande, e que a desgraça ainda tornou maior. Duas vezes soberano, e origem de duas dinastias em dois mundos, este homem expirou, como simples soldado, sobre a terra onde nascêra para um throno e onde fundára e conquistára outro: e, legando o seu coração a uma cidade de valentes, desceu á sepultura armado, e sem mais diadema que o dos loiros. As lagrimas de todo um reino correram sobre a sua campa. Toda a Europa e todo o mundo lhe deu um *vale* de saudade, porque viu apagar-se uma grande estrella no firmamento politico: e a historia da civilisação registou nas suas paginas eternas aquelle nome envergonhador de tirannos e envergonhador de escravos.

Duas obrigações deixou este homem por testamento ao povo, por quem deu a vida — trabalhar para a felicidade, e trabalhar para a gloria. — Nenhuma das verbas d'este solemne testamento foi cumprida. Com o ultimo som da salva funebre como que se esvaeceu todo aquelle maravilhoso brio portuguez que a sua virtude havia ressuscitado do fundo de um sepulchro de tantos seculos. Uma raça gigante, que avultára emtôrno d'elle, começou para logo a minguar, a envilecer-se, a sumir-se. Oito annos apenas se passaram, e já os dias, em que Portugal se presou de Portugal, se representam á phantasia como uma edade remota e fabulosa, tanto os homens, que a sua alma aviventava, decaíram, e os brios portuguezes e as virtudes, que d'elles provinham, e os milagres, que por ellas se operavam, cederam a vez ao amor insensato das coisas perigrinas, á abjecção dos desejos, ás vilanias e sordidezas de todo o genero. — Foi agora, que lembrou o consagrar um monumento ao auctor da felicidade portugueza; quando d'essa felicidade, tão bem estreada por elle, nem já quasi vestigios apparecem.

Aos 17 de octubro de 1842 cria-se uma juncta para promover a feitura d'este monumento. Esta juncta, nem é de companheiros de armas do Grande Homem, nem de artistas; é simplesmente de opulentos; — era a ultima das qualidades, que se havia de requerer em quem só tinha de pedir esmola. — A esta juncta se remettem no dia mesmo de sua creação uns desenhos, presentados ao governo para esse intento por um tenor italiano, bem conhecido nos theatros de sua terra; e com patente de architecto n'esta nossa por haver ahi riscado umas estufas, e uma ponte pensil em cima de um tanque de jardim. — Para o DUQUE DE BRAGANÇA renunciador de pompas não era preciso mais do que isso: nem tanto; qualquer vendilhão de Napoleões e papagaios de gesso houvéra bastado. Levantou-se um murmurio universal, vendo que para alicerces do monumento se lançava lama, e que para obzequiar a D. PEDRO se começava por uma affronta crua aos seus portuguezes. — A Academia de Bellas-Artes, a quem a lei ordenava se recorresse para quaesquer obras publicas e nacionaes, nem para árbitra fôra chamada n'este negocio, nem convidada foi para concorrente. — O tenor italiano, costumado a cantar —

«L'ora aspetto del trionfo»
«Della mia felicitá»

— *Del trionfo, del trionfo, del trionfo della mia felicitá, felicitá, felicitá, trionfo, felicitá, della mia felicitá, felicitá, della mia felicitá* — não podia duvidar da fortuna, quiz fazer de generoso para maior realce de sua gloria; apresentando á juncta novos projectos seus, lhe pediu, ou antes lhe permittiu, que abrisse campo a concorrentes ainda que portuguezes fossem,

«Non temer con voi son io.»

— ¡Passava-se isto á vista da estatua equestre desenhada, modelada, esculpida, formada, e fundida, e posta alli para toda a eternidade por portuguezes! — É verdade que alguns dias depois dizia um jornal impresso com typos tambem portuguezes, *que essa maravilhosa estatua já estava muito vista e representava um picador*: só lhe faltou accrescentar que um cavallinho de páu com um assobio na cauda, vindo, já se sabe, de Nuremberg, valia mais. — Desatadas as mãos á juncta pela generosidade do Sr. *Lodi*, publicou ella aos onze de novembro, vinte e cinco dias depois da sua instalação, um annuncio de concurso. — Havia de este convite dirigir-se a portuguezes unicamente, como logo ponderaremos, e dirigiu-se a toda a gente.

Havia de conceder toda a liberdade aos ingenhos inventivos, mas limitar todas as circumstancias acci-

dentaes e externas do desenho para não virem a apparecer differenças de effeito, não resultantes de merito intrinseco, mas unicamente de condições fortuitas, que se para juizes artistas nada significam, valem muito e valem tudo para juizes leigos. — Ambas as coisas se fizeram pelo avêsso; — á invenção ataram-se-lhes as azas, dizendo-lhe que o monumento havia de ser forçosamente com uma estatua; e á execução outorgou-se plena licença contra o uso inalteravelmente seguido nas academias italianas e francezas, que apontando substancialmente a intenção ou fim do projecto, que se requer, marcam logo a altura, largura, e côr do papel, em que deve ser desenhado; se com simplices contornos ou assombreado; se com lapis ou a aguarelas; que seja um desenho geométrico, de planta e alçado, etc. etc. etc. Finalmente, fixava o convite para termo da apresentação dos desenhos, isto é para os inventar, fazer, corrigir, copiar, orçar e expôr cincoenta e um dias!!!!!!!!!!!! *Fiat lux, et lux facta est.*

Era evidente que nenhum verdadeiro artista nacional podia acceder a tal convite, não só pelas considerações, já expendidas, mas tambem porque não viam um jury competente, onde fossem julgados. — Tudo os reis podem fazer; marquezes, duques, governadores, generaes, mas crear talentos ou sciencia nem todo o congresso de Laybach — os artistas não podiam ser sentenceados por uma juncta, que nunca havia riscado nem uma figura de entrudo, e que n'aquelle mesmo annuncio tão claramente o demonstrava; entretanto era urgente que houvesse ao menos uma representação de concurso: para isto todas as providencias foram dadas: todas as tacticas postas em exercicio. Cada um dos vogaes, que tinha alguma influencia sobre um artista, empregou-a em obrigal-o. Á Academia de Bellas-Artes disse-se, — que sabendo Sua Magestade haverem alguns dos lentes feito em outro tempo projectos para o monumento de Seu Augusto Pae, se lhes ordenava, que os apresentassem. E das obras publicas se trouxeram em feixe, sem licença de seus auctores, quantos riscos, bons ou máus, feitos em diversas occasiões lá se haviam reunido. — São tres factos, cuja moralidade e decencia por si mesmas se commentam; — *apertæ sunt cataractæ cœli* e choveram riscos, achando-se muitas pessoas concorrentes sem o terem sonhado. Riscos de todos os tamanhos, de todas as côres, de todos os modos, uns assignados, outros anónimos; este calculado para uma praça, aquelle para outra; qual esboçado, qual em perspectiva; já com orçamento, já sem orçamento. Era um cháos como o que descreve o *Anguillara*: —

«Pria che'l ciel fosse, il mar, la terra, e'l foco»
«Era il fuoco, la terra, il ciel, e'l mare:»
«Ma'l mar rendeva il ciel, la terra e'l foco,»
«Deforme il foco, il ciel, la terra, e'l mare.»
«Che ivi era e terra, e cielo, e mare, e foco;»
«Dove era e cielo, e terra, e foco, e mare:»
«La terra, il foco, e'l mare era nel cielo;»
«Nel mar, nel foco, e ne la terra il cielo.»

Estes riscos uns extorquidos á dependencia; outros arrancados da parte de elrei; outros verdadeiramente furtados, subiram ao numero de *vinte*. Mandou a juncta expol-os ás *provas publicas* na sala dos paços do concelho por tempo de uma semana. — Oito são columnas inteiras coroadas de estatua; quatro constam de um tronco ou parte de columna, em que assenta a estatua: um é o templo da gloria com o Heróe no centro: outro um arco de triumpho: os restantes seis pelo de mais formados de parte inferior, base, pedestal, e estatua. — Affluiram curiosos, viram, gostaram, ou desgostaram, e foram-se. — ¿Para que serviu tal exposição? — Muito enleiada se havia de ver a propria juncta se nos quizesse fazer a honra de responder-nos. — ¿Quem foi o Apelles, que por detraz da cortina esteve colligindo, pesando e marcando os quilates aos differentes juizos? — Ou a ex.ma juncta, que Deus guarde, e resguarde de tocar em artes, quiz ouvir os louvores e censuras dados a cada uma d'aquellas obras pelas pessoas capazes de as avaliarem ou não quiz. — No primeiro caso, quaes foram os meios, que para isso empregou? no segundo, tal publicidade não passou de uma trapaça indecente para enganar credulos, ficando depois tão livre como d'antes para dar a palma a quem lhe aprouvesse. — Quanto a nós, que nas coisas de interesse e credito nacional não conhecemos amigos, nem inimigos, diremos o que d'esta phantasmagoría artística na sala do concelho municipal nos teem sido concordemente relatado por intendedores imparciaes.

Antes de tudo. Nenhum dos vinte riscos se póde nem por sombras apparelhar com o da estatua-equestre; e sáia á frente quem o contrario defender. — Alguns são inexequiveis pela desconformidade da obra com a praça, a que se destina, e pela enormissima despesa, que demanda: ha outros, que são caprichosos, e até de pouco decóro para a pessoa, a quem se consagram: outros ha finalmente mais accommodados ao assumpto, ao logar, ao tempo e menos atrozes para as bolsas dos contribuintes.

Sôa que a juncta tenciona mandar todos estes projectos a Paris para lá serem julgados. — Fôra mais um ludíbrio, mas não o acreditamos; por mais verisimil temos o outro boato, de que regeitados todos os riscos portuguezes, *excommunicatio ipso facto incorrenda*, e limitada a questão á preferencia entre os estrangeiros, a decisão final só penderá da maior ou menor sagacidade e influencia dos respectivos protectores De septe riscos estrangeiros; um pertence ao Sr. *Pezzarat*, ingenheiro francez que nos dão por de grande mérito; — mas é um arco triumphal e não condiz com a praça. De quatro do Sr. Lodi, tres são taes, que nem os seus apaniguados lh'os defendem: ficam logo unicamente na pendencia um seu, um do Sr. Rambois e Cinatti, outro do Sr. Cinatti e Rambois; ou mais propriamente ainda, só dois — o primeiro e o terceiro d'estes.

N'um jornal d'esta cidade vimos em um longo artigo de mão evidentemente italiana, arrancada aos dois excellentes pintores, e descortezmente arrancada, a palma, que todos á uma lhes conferem, e offerecida com o joelho em terra ao tenor do theatro de *Milão*. Mas a columna d'este, sobre ser infinitamente inferior em mérito á d'aquelles, e má, ainda quando a não comparem com outra alguma, segundo affirmam quantos são artistas, e recordar nos seus baixos relêvos o que em eterno esquecimento devemos sepultar — as nossas guerras fratricidas — é tambem de um dispendio verdadeiramente incomportavel para estes annos, que vão correndo, que similhantes ás vaccas famintas do sonho de José, já estão devorando a sub-

stancia dos futuros annos. — Diz-se que não obstantes estas razões o auctor anda já, ha muito, cantando o seu triumpho. — «Estou fazendo o theatro para os por-«tuguezes: — diz elle — hei-de-lhes fazer o seu mo-«numento; e depois.....» O insolente *depois* proferido pelo Sr. *Lodi* não se póde imprimir, nem se quer pronunciar entre pessoas decentes: mas nem é preciso: elle o sabe; e os leitores facilmente o adivinharão: (se o Sr. *Lodi* quizer mais explicações dal-as-hemos. — Étodavia prudente que não as requeira). O Sr. *Lodi*, atracando só para si as obras de todos os generos, faz-nos lembrar aquella deliciosa castelhanada — «*Para todos porque es un aparato de varias «materias, donde el Filosofo, el Cortesano, el Huma-«nista, el Poeta, el Predicador, el Teologo, el Sol-«dado, el Devoto, el Jurisconsulto, el Matematico, el «Medico, el Soltero, el Casado, el Religioso, el Mi-«nistro, el Plebeyo, el Señor, el Official, y el Entre-«tenido, hallaran juntamente utilidad y gusto, erudi-«cion y divertimiento, doctrina y desahogo, recreo y «enseñanza, moralidad y alivio, ciencia y descanso, «provecho y passatiempo, alabanzas y reprehensiones, «y ultimamente exemplos y donaires, que sin ofender «las costumbres delecten el animo, y sazonen el enten-«dimiento.*»

Tractemos da columna do Sr. *Cinatti* e *Rambois*. — É esta imitada na maior e melhor parte d'aquelle eterno modelo da columna Trajana. — É um louvor e não uma censura. — Está riscada com grande esmero e delicado gosto: presenta-se com toda a riqueza de perspectiva; porém — já o dissemos, e todos os contrastes da materia o confirmam — é descommunal para o logar; é descommunalissima para a nossa pobreza: — para o logar tem duzentos palmos de altura e dezesseis de diâmetro; para a nossa pobreza, orçam-n'a em 178 contos ou mais. — Ao primeiro inconveniente respondem: — «a columna de *Londres* tem de altura 297 palmos; a de Napoleão em *Bolonha*, 238; a de Alexandre em *S. Petersburgo*, 213; a Antonina em *Roma*, 202; a de Austerlitz em *Paris*, 209; a de Julho em *Paris*, 224; a Trajana em *Roma*, 198: — e todas estas estão em praças mais pequenas, e cercadas de edificios, que não são mais elevados que os do Rocio.» Toda a força d'esta resposta se desvanece, contrapondo a estes exemplos outros exemplos, e razões. — Cinco monumentaes columnas ha na Europa, e uma no Egipto, que é a de Pompeu, que todas são muito mais baixas: e se de feito são menores que o Rocio as praças, onde torrêam aquellas columnas agigantadas, é esse um êrro, que não temos necessidade de imitar, antes devemos fugil-o por uma simplicissima razão optica; porque n'uma praça pequena não ha ponto distante, d'onde se possa disfructar sem esfôrço uma estatua remontada ás nuvens. Se em realidade as praças d'esses monumentos estrangeiros supracitados e modernos são tão acanhadas, como se pretende, nenhum estrangeiro intendido lhes perdoará censuras n'esta parte; e quanto á *Trajana* e *Antonina* não foram ellas feitas pelos artistas habeis da antiguidade no meio das praças, onde estão, senão que os pedreiros e mestres de obras das edades barbaras, que depois vieram, lhes fizeram em de redor os edificios: não é jámais o jardineiro quem põe cogumellos ao pé de uma arvore preciosa, é o desleixo, a humidade e a podridão, quem os faz nascer: — de eguaes deturpações á sancta antiguidade vae cheia e rasa toda a Italia.

Ainda emfim n'estes pontos se poderá revolver a chicana, mas onde ella morrerá apenas levantar a voz, é na questão da fazenda. Orçam os amigos do Sr. *Cinatti* e *Rambois* toda a materia e obra da columna e estatua em 81:776$000 réis com os seguintes dados.

Palmos cubicos de marmore 76:000 a 180 rs.	13:680$000
Esculptura dos tres grandes baixos relêvos e dos dois pequenos da frente.	14:000$000
Trabalho geral tanto de esculptura em relêvo, como da superficie de todo o monumento.	24:000$000
Escada interior.	1:000$000
Cancêlo, parapeito e porta de bronze	5:000$000
Alicerces pouco mais ou menos.	4:000$000
Jornaes de pedreiros, cordoalha, madeiras, ferro.	10:000$000
Andaimos.	4:000$000
Bronze da estatua, 6400 arreis a 140 rs.	896$000
Modelo.	2:000$000
Fundição.	3:000$000
Metal esperdiçado.	200$000
	81:776$000

Calculando a altura do monumento em 200 palmos, acabada a obra, importará cada palmo em 408$880 rs.

Mas consultados por nós sobre cada uma d'estas verbas homens praticos e de consciencia, reformam-n'as como se vae ver; —

Pedra. — Suppondo os pés cubicos calculados pelo circulo maximo do monumento, abrangidos os ornatos em alto relêvo, não se põe duvida no seu numero; mas attendendo a que as pedras para o monumento devem ser as maiores que possam vir em carros, para que fique havendo o menos possivel de junctas, e para que os ornatos não sejam feitos em pequenas porções; pela difficuldade dos seus contornos, e, porque compaginado de pequenas pedras, ficaria o todo um labirintho de junctas desgraciosissimo, e emmaranhado de hervas e arbustos, que deturpam, desconjunctam e devastam, não póde avaliar-se o marmore posto no Rocio por menos de 240 réis o palmo cubico: em logar dos 13:680$000..... 18:240$000

Para a esculptura dos baixos relêvos os mesmos..... 14:000$000

Tráfego da Pedra. — Desde que o marmore fôr lançado no arraial até que descance perfeito no seu logar; todos os trabalhos, que haverá com elle, de canteiro, de ornatista, de esculptor, de pedreiro, de serventes, e acarretadores, por cada palmo cubico 1250 réis, em vez de 25:000$000..... 95:000$000

Cancêlo, parapeito e porta de bronze concede-se generosamente que sejam os mesmos..... 5:000$000

Alicerce. — Attendendo ao pêso do monumento, á fraqueza e falsidade do terreno não importará em 4:000$000 réis, mas ..... 21:870$000

Mechanismos. — Cordas, madeira, ferro, andaimos, apparêlhos para inçar, materiaes de alvenaria, nunca menos dos ..... 14:000$000

Bronze para a estatua. — Concedendo por favor, que bastem 6400 arrateis, custando cada arratel 240 réis, importa a somma não em 896$000 réis, mas em ..... 1:536$000

Verba ommissa: — Para o cadastro de ferro, ou armação interna da estatua, que é feita de grossas barras de ferro quadradas, e que deitarão a mais de 80 arrobas; accrescendo 5 arrobas de chumbo para segurar os pernes, que a estatua leva; por todos estes materiaes e seu feitio ..... 200$000

Modelo. — Attendendo a todo o trabalho e materiaes da esculptura em logar de 2:000$000 ..... 3:000$000

Fundição. — Para a fundição da estatua ha-de-se construir um forno proprio; conductores para correr o metal; receptaculo para modelo; um telheiro proporcionado para todo o trabalho; collocação de aparêlhos para suspender etc.; cinzelar e doirar; em vez de 3:000$000 ..... 6:000$000

Somma tudo emvez de 81:776$000 178:846$000

Accrescentaremos que tendo ouvido com attenção os fundamentos de cada um d'estes lanços, desinvolvidos com toda a minuciosidade de verdadeiros intendedores, temos por certissimo que ainda a obra dos Srs. *Rambois* e *Cinatti* haveria de deitar em custo muito além: é perto de meio milhão de crusados.

Já queremos pôr de parte a questão da nacionalidade. — *Mal intendido nacionalismo* lhe chamou o artigo manifestamente italiano, a que acima alludimos, e que ahi saíu sem commentario n'um jornal portuguez. Já por outras vezes havemos dicto quanto basta n'este assumpto, a que ainda outro dia voltaremos com toda a força; porque sabemos que ha ahi muito miseravel; que só de ouvir a palavra nacionalidade se enausêa; e, confundindo no seu atravancado cérebro as idéas mais distinctas, cuida metter uma lança em Africa, argumentando com a necessidade que temos de estrangeiros para muita coisa util (hipóthese em que tambem nós os recebemos e festejamos) e inferindo d'ahi, que uma obra de luxo e unicamente de credito portuguez póde e deve ser feita por mãos perigrinas.

Nós explicaremos a esses desgraçados — que o monumento de D. PEDRO, assignado com um nome estrangeiro, significaria ao mesmo tempo duas coisas contradictorias: — o seu cume diria — «*respeitae esta nobre terra, que produziu um grande homem:*» — a base clamaria — «*escarnecei esta terra miseravel, que nem sequer um artista foi capaz de produzir.* — É a estatua de Nabuco com a cabeça de oiro e pés de barro; uma pedrinha dá com ella em terra desfeita. — É a explicação aretínica da sodomía mettida nos tractados casuísticos da moral: é a palavra obscena, escripta pelo gaiato na parede branca da egreja: é o diabo, não pisado pelo Archanjo, mas agarrando-se-lhe ás pernas para o derribar: é o *não* a traduzir o *sim*: é o

«..... turpiter atrum»

«Desinat in piscem mulier formosa supernè:»

— é o

«..... Pravo vivere naso»

«Spectandus nigris oculis nigroque capillo.»

— é o centáuro com cabeça de doctor e patas de cavallo: é o casamento da gloria com a abjecção; é o circulo quadrado convertido em marmore: é a meretriz, applicando a missas o producto do seu negocio: e o consentil-o seria n'um povo o mais infallivel simptoma de haver já morrido gangrenado no coração. — Mas, repitimol-o, outro dia iremos mais de espaço á montaria d'essa idéa bestial até a exterminarmos como a pessima e funestissima de quantas por ahi correm.

Agora só consideraremos a conveniencia moral de tal monumento.

Quando se falta, por pobreza, a quasi todas as coisas necessarias, é crime o gastar n'uma de luxo; e maior crime ainda o querer persuadir, que n'isso se faz uma obra meritoria. Portugal, devorado de dívidas internas e externas, crescentes e recrescentes de hora para hora como um incendio, vendo as suas melhores possessões a perder-se ao desamparo, ou em vésperas de caír nas mãos de credores inexhoraveis, atormentado pelos seus demonios familiares, o luxo e a usura, sangrado simultaneamente em todas as artérias e veias, offerece aos olhos do mundo o spectaculo mais lastimoso. — Requeria o senso íntimo da conservação, que o dó, que infunde á Europa, o sentisse elle de si mesmo; e que se a preguiça e prodigalidade o perderam, recorresse, para salvar-se, á economia e ao trabalho: das summas cabeças deviam descer para o povo as exhortações e exemplos de ambas estas virtudes: não é assim.

Quando, desleixada a lavoira, insufficiente a industria, nulla a navegação, exháusto o cofre publico, crescendo a penuria nas casas, e a mendicidade nas ruas, o governo é ainda forçado, por circumstancias imperiosas, a propôr aos legisladores novas sementes de penuria, de mendicidade, de prostituição, de roubos e de anarchia, quando as viuvas e filhas dos soldados, dos coronéis, dos generaes mortos no serviço da patria estão em vésperas de perder a metade da fatia, que lhes restava, e de vender por um pouco de pão negro as tranças e a derradeira camisa, apresenta-se uma juncta de millionarios, dizendo a este povo — «façâmos uma grande obra; edifiquemos á vossa «custa um monumento, que não produzirá coisa algu«ma, porém que servirá de perpetuar o que já está «perpetuado: empregados publicos, a quem se não pa«ga, negociantes, que passeaes á borda do Tejo êr«mo, cidadãos, que não tendes presente nem futuro, «soldados, que libertastes a patria, e só colhestes fe«ridas, dae todos pelo menos o pão de um de vossos «dias para esta obra. Um italiano, que já escolhemos, «vol-a fará com a major pompa.» — O diabo no de-

serto, tentando ao Salvador, não teve pelo menos o descaramento de lhe dizer — « muda estes pães em pedras » — mas só — « muda estas pedras em pães. « —

Se D. PEDRO vivêra e nos visse, e visse ahi um monte de marmore inutil, e um estrangeiro a querer compral-o, houvéra-o logo mandado carregar nos navios do estrangeiro, e repartido o preço por entre os seus portuguezes, que se morriam á fome.

Parecia que já a Economia Politica tinha tempo de haver desterrado a mania das edificações estereis. Antes da imprensa, ainda ellas tinham uma desculpa: eram a historia postoque imperfeita e limitada em logar e em tempo; mas depois que o livro, mais explicado, mais perduravel e mais diffusivo do que o marmore, appareceu e se multiplicou, o monumento ficou sendo um luxo exótico, só desculpavel em quem não sabe ler, nem o que ha-de fazer dos seus cabedaes amontoados. A Economia Politica sorri de lástima olhando para este oiro enterrado, onde não póde germinar; como qualquer creança apuparia ao alienado, que andasse semeando o seu trigo no oceano.

Dois monumentos deixou de si D. João V: — um convento n'um deserto, e um aqueducto para a capital: abençôa-se e conserva-se o aqueducto; deixa-se caír em ruinas o convento: — Será essa d'aqui ávante a sorte de todos os monumentos estereis.

Se haveis medo (não o havemos nós) de que o nome e gloria de D. PEDRO se possam jámais perder; se julgaes que só a materia o fixará, como sobre um papel se põe um fructo de jaspe, para que não fuja com o vento, alçae-lhe embora um padrão, mas que não seja como o fructo de jaspe, que não contém semente alguma, de que se possam aguardar fructos. — Ampliae e dotae *Runa* para os invalidos; asylos de instrucção e confôrto para os dois extremos da vida: fundae aldêas: arroteae campos para novos colonos: estabelecei uma qualquer industria: abri um canal, ou uma estrada: dae-nos uma fonte, um hospital, um mercado ou um passeio: imprimí e derramae gratuitamente algumas obras de illustração: realisae eschólas e premios para a agricultura.

Se o empenho eram artes tractassem das artes portuguezas: estimulassem os nossos artistas, emvez de os affugentarem. — E, ainda em relação a ellas e a elles, podiam fazer coisa melhor do que estes monumentos; empregassem esse dinheiro em subsidios para nas eschólas da Academia se manterem alguns alumnos, que de annos para annos vão a menos por falta de meios.

Resumamos concluindo. — Nem D. PEDRO carece de um monumento nem Portugal lh'o deve ou póde erigir. — Um monumento d'estes no meio da capital de hoje, faria rir o mundo, como um alfinete de brilhantes na camisa çuja de um mendigo faminto esfarrapado e descalço. — Converter o pouco pão, que ainda ha, em pedra é absurdo, que nem passou pela cabeça do diabo. ¡ D. PEDRO, vendo do alto d'aquellas pompas o seu povo mendigo, só não córaria nem choraria, porque os seus olhos e faces seriam de bronze!

Determinava uma regra dos frades bernardos — que nunca em Sexta-feira Sancta faltasse no refeitorio peixe de posta, quer o houvesse, quer não; — se com os bens dos bernardos herdámos tambem o seu juizo e a sua regra; — se queremos á força um monumento, haja ou não haja dinheiro para elle, façâmos um monumento digno do principe e do seculo — uma fundação ou edificação productiva e chamemos-lhe de D. PEDRO. — N'esse caso, mas só n'esse, admittam-se a concurso os mestres de todo o mundo; porque já se não tracta de gloria estreme, porém de proveito.

O projectado monumento com estatua seria pois uma VERGONHA. — Feito por um estrangeiro duas VERGONHAS. — Feito com esmolas forçadas de pobres tres, tresentas, tres milhões de VERGONHAS. — E certo que forçadas hão-de ser as esmolas para a columna do Sr. *Lodi* ou do Sr. *Cinatti*. — Livremente ninguem, que PORTUGUEZ seja, concorrerá para ahi com um unico ceitil.

¿Servirá de alguma coisa, quanto havemos prégado? — Perto está o theatro *agrião* que nos responde.

Não importa.

Se não valer como requerimento o que escrevemos, valerá diante da Posteridade como protesto.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1322 A unica de algum vulto chegada esta semana, é o receio de guerra entre França e Inglaterra, manifestado por alguns dos jornaes britanicos, que até já fallam de apercebimentos militares.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1323 *Diario do Governo de 2 de fevereiro. — Secretaria de estado dos negocios do reino. — Terceira repartição.* — Sua Magestade a Rainha, a quem foi presente o officio do doctor José Feliciano de Castilho, datado de 21 de janeiro antecedente, contendo a proposta de differentes medidas e providencias que lhe parecem necessarias para dar começo á importante commissão de que foi encarregado no nacional e real archivo da Torre do Tombo por portaria de 5 do dicto mez; assim como o programma dos trabalhos que projecta empreender para se obter o mais vantajoso resultado da mesma commissão: Manda, pela secretaria de estado dos negocios do reino, significar-lhe que viu com satisfação o contheúdo no seu dicto officio, no qual tambem descreve detalhadamente o estado actual do mesmo archivo, e os meios apropriados que cumpre empregar para as artes e as sciencias, os numerosos e interessantissimos documentos, que alli e n'outros cartorios se acham archivados sem utilidade alguma publica: e outro sim que ha por bem louval-o pela summa intelligencia, e decidido empenho que ao mesmo tempo manifesta de satisfazer á confiança que o governo n'elle depositou; e previnil-o de que approvando em geral as suas propostas, serão estas adoptadas por portarias que successivamente lhe hão-de ser expedidas para as levar a effeito. Paço das Necessidades em o 1.º de fevereiro de 1843. — *Antonio Bernardo da Costa Cabral.* — Segue-se o relatorio, a que se refere a portaria supra

Idem de 3. — Resposta da camara dos Dignos Pares ao discurso do Throno.

Idem de 4. — Tabella da disposição dos fundos do Thesoiro no mez de dezembro na importancia de 1.289:139$132 rs.

Idem de 6. — Decreto para que o dia 10 do corrente seja todos os annos de grande gala. Portaria declarando que os casos de naufragios são da privativa competencia das alfandegas. Venda de bens nacionaes em Evora, Beja, Guarda, e Coimbra no valor de 945$660 rs.

LEVANTAMENTO.

1324 No ultimo dia do mez passado e nos dois seguintes, houve na cidade do Porto um levantamento do povo, provocado pela exhorbitancia das decimas

industriaes, que se acabavam de arbitrar a um grande numero de cidadãos. As auctoridades recorreram ao rigor. Mandou-se cavallaria, infanteria e artilharia para o campo do ajunctamento. O povo, que a principio affugentou a tropa, a final foi por ella affugentado e acutilado. Correu sangue; consta de varias mortes: seguiram-se prisões: arrestou-se a imprensa de um jornal.

É ainda cedo, e fallam por ora muito alto os oppostos interesses para se poder affirmar se houve ou não, e até que ponto, intenção politica n'este negocio; que uns dão por terminado, outros conjecturam ser apenas prólogo de longo drama, cujo desfecho seria impossivel por emquanto calcular.

ANNAES DE AGRICULTURA.

1325 Subscreve-se para este jornal em Lisboa, em casa da Viuva Henriques, rua Augusta n.º 1, e de Plantier, rua do Ouro; no Porto em casa de Antonio Rodrigues de Cruz Coutinho, Travessa dos Caldeireiros; em Coimbra em casa d'Orcel.

Este jornal terá especialmente por objecto

Instruir os lavrodores portuguezes ácerca do estado actual e subsequentes progressos da agricultura nos paizes mais adiantados; bem como sobre o que nas outras artes e sciencias lhe disser immediato respeito.

Registar quaesquer descobertas, observações e ensaios feitos no nosso paiz; para o que se acceita e agradece a colaboração de todas as pessoas competentes.

Advogar os interesses da classe agricula, propondo, discutindo e vulgarisando quaesquer alvitres, que possam concorrer para o augmento de sua prosperidade.

Publicar as noticias, que chegarem ao conhecimento da redacção, bem como todos os actos do poder executivo, projectos de côrtes etc., que d'algum modo vão influir na sorte do lavrador portuguez.

Sairá mensalmente um numero de 24 a 32 paginas em 8.º grande francez com as estampas necessarias para a intelligencia das materias.

Preço — por 6 mezes 600 réis; por anno 1200, pagos á entrega do 1.º numero — avulso 160 réis cada numero.

Começará a publicar-se em havendo sufficiente numero de assignantes.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS DO MEZ DE JANEIRO DE 1843.

1326 Temperatura media das madrugadas 43,6 F. (5.º R) — dicta nas horas de maior calor 57.º (11.º) — dicta media do mez 50º,3 (8.º) — Variação media da temperatura diurna, 13º,4 (6.º) — Maior variação do calor diurno, em 2 do mez, 23.º (10.º) — Maior frio a 8 do mez 33.º (meio gráu acima do gelo) — Maior calor a 25 do mez, 64.º (14) — Menor altura do barometro a 12 do mez, 754,5 mill. — Maior idem, a 5 do mez, 772,4 — Media do mez 764,7 mill., reduzidas estas alturas á temperatura de 61.º F.

Ventos dominantes, contados em meios dias. N,6 — NO,3 — O,3 — SO,6 — S,4 — NE,17 — E,3 — B,20 — *Estado da athmosphéra* — Dias claros 16 — claros e nuvens 2 — cobertos 4 — cobertos com alguns clarões 3 — chuva ou chuviscos 6 — nevoeiros 9 — ventosos 7 — de frio intenso 7 — de frio sensivel 7 — A chuva recolhida em todo o mez foi de 42 mill. equivalentes a 12 e meio almudes por braça quadrada, ou menos de metade da quantidade regular.

As *quadras dominantes* foram cinco: a 1.ª de dez dias, foi uma continuação da ultima quadra do mez antecedente, de temperatura muito fria, ar secco, céu claro, orvalhos nocturnos, e bonanças ou ventos brandos do NE, alguma geada, e dois nevoeiros de manhã: a 2.ª de cinco dias tépidos e humidos, com algumas escassas chuvas, ventos variaveis de SO a NO, por vezes rijos, céu quasi sempre coberto: a 3.ª de outros cinco dias, frios e seccos, céu claro, ventos brandos do N a NE: a 4.ª de quatro dias temperados, muito humidos, e chuvosos com ventos do S: a 5.ª e ultima de septe dias frescos, ar humido e repetidos nevoeiros matutinos que depois se elevavam, deixando o céu claro; bonanças ou ventos brandos do NE.

Foi portanto este mez, no complexo de seus phenomenos, mui similhante ao de Dezembro, reinando a mesma temperatura, e seccura, ar muito pesado, conservando-se o barometro em insolita altura, pouco ventoso e differindo somente quanto ao numero dos dias de nevoeiro, que foram mui repetidos e duradoiros. O seu andamento deu lugar a que se executassem commodamente os trabalhos agronomicos proprios da estação. — Nota-se grande escacez na producção das larangeiras, o que se atribue aos intempestivos frios e geadas da primavera passada, os quaes fizeram perecer os gommos já desenvolvidos e destinados a fructificar no presente anno. — Segue-se pois que os dois primeiros mezes do inverno de 1843, decorreram mui similhantes aos correspondentes do inverno de 1842, apparecendo a mesma escacez de chuvas com a temperatura ainda mais regular, pouco ventosos, ar secco, e o céu claro. A quantidade de chuva caída n'estes dois mezes pouco excede a metade da que se colhe nos mezes regulares.

Phenomenos notaveis. — No meado d'este mez um terrivel furacão desenvolve seus furores sobre a Belgica, França e Inglaterra, causando numerosos naufragios sobre as costas d'aquelles tres reinos. — O Senna, o Marne, e outros rios da França engrossaram notavelmente, e pelas suas inundações causaram grandes prejuizos em suas margens — Os estragos do furacão foram ainda mais violentos nas provincias meridionaes da Inglaterra, e no canal, aonde naufragaram 78 navios com grande parte das suas equipagens, fazendo singular contraste com as bonanças ou pequenos ventos que reinaram sobre as costas de Portugal.

Necrologia de Lisboa e Belem. No mez de Janeiro foram recebidos nos tres cemiterios, 603 cadaveres, sendo 337 do sexo masculino, e 266 do feminino, maiores 442, e menores 161; do que se deduz ter excedido em 14 o numero medio normal d'este mez, o que parece devido ao augmento da mortalidade dos menores, no bairro de Belem, por effeito da epidemia de saranpo que alli se manifestou. N'aquelle sitio houve 30 obitos, sendo 18 menores, ou um excesso de 11 individuos sobre a mortalidade media normal d'aquelle bairro.

M. M. Franzini.

NOVO DOCUMENTO DE AFFECTO CONJUGAL.

1327 O bem conhecido Sr. *Sousa Monteiro*, habil stenógrapho, talento não vulgar, e segundo redactor do Diario da Camara dos Deputados, deu, poucos dias antes de sua morte, a qual veio a acontecer pelos fins de janeiro, um exemplo de previdencia e de economico arranjo admiravel para o lance, e mais admiravel ainda para a pessoa. — Saíu sosinho a ajustar to-

dos os artigos do seu funeral, e convidar para elle os seus amigos. Recolhendo-se para casa, chamou sua mulher, e entregando-lhe os apontamentos que trazia, — «eis-aqui — lhe disse — o que unicamente has-de pagar pelo meu entêrro; um real, que te péçam de mais, não o dês, que é desfructação; e não estão os tempos para isso.»

MORTILHA DE INNOCENTES.

(Carta)

1328 Appareceu, pouco ha em Alcanêna, logar d'este Concelho um recémnascido: soube-se quem éra a mãi-monstro, e o Regedor, ou cabo de policia, prendeo-a e soltou-a quando quiz, e não deu parte; e assim ficou no olvido este crime. Ha cinco dias, encontrou-se outra creancinha dentro n'um sacco, afogada no rio; e de que a Auctoridade tomou conhecimento, e já a voz publica principía a indigitar a mãi. E ha tres dias, n'esta Villa, um porco comeu parte de uma mão, e abocanhou o resto do corpo, de um innocentinho, exposto, confiado a uma mulher, que só de mulher tem o nome — Quem não vê em tudo isto muita depravação! No primeiro caso, um rustico, fazendo de Grão-Vizir, prendendo, soltando, e perdoando, por sua conta e risco; sem dar parte á Auctoridade competente: no segundo, um infanticídio a um tiro de bala de uma ou duas rodas d'engeitados: — no terceiro, um exposto entregue a uma mulher estragada, que o desampara, e deixa devorar pelas féras domesticas! — Não posso n'este momento abster-me de fazer uma observação; e é, que havendo n'este Municipio posturas mui restrictas, que prohibem a creação de porcos em cazas, assim como a sua divagação pelas ruas, tão pouco andem observadas, que se deixam estes animaes carnivoros, e damninhos fazer d'estas, e similhantes malfeitorías.

De V.

Candido Joaquim Xavier Cordeiro.

Torres Novas 4 de Fevereiro de 1843.

Da mesma Villa nos escreve em 29 de Janeiro o Sr. F. X. R. particularisando mais o segundo d'estes acontecimentoe por estas palavras.

» Hontem a dois tiros de bala d'esta villa n'um sitio denominado os *Pimentéis*; indo o dono de uma azenha, das muitas, que povôam as pictorescas, e ferteis margens do Almonda: a largar a agua ás rodas da mesma, víu andar um vulto á tôna d'agoa; foi examinar o que sería; viu um sacco atado; e dentro um menino de poucos dias; e para cúmulo de preversidade, tinha sido antes afogado com um laço, feito de um bocado de não sei que droga, e qual se achava em volta do pescoço da victimasinha!... — Foram chamadas as auctoridades, e facultativo; formou-se o competente Auto: e procede-se em descubrir a malvada mãe, se tal nome aqui póde caber.»

SACRAMENTO TEMPORÃO.

1329 Em 23 de novembro se baptisou na egreja parochial de Sancta Luzia de Angra, uma menina, filha de paes catholicos-apostolicos-romanos, a quem puzeram o nome de *Maria*. — Deveu causar este baptismo, segundo podêmos inferir de um jornal d'aquella cidade, e de uma carta, que temos presente do Sr. J. I. S. grande admiração nos circumstantes.

A menina compreendia tudo, e a tudo respondia com o maior acêrto. Offereceu por si mesma a cabeça á emborcação da agua; não foi mistér que lhe segurassem na mão a vella; e acudia muito espevitada em logar dos padrinhos ás perguntas do *credo* e do *abrenuntio*: — emfim, foi para a egreja pelo seu pé, e por seu pé se recolheu para casa.

Tinha esta menina de edade *só* 18 annos 6 mezes e 24 dias. Não nos contam a razão por que os paes se deram *tanta pressa* em n'a baptisar, nem quaes foram os motivos, que obrigaram o parocho a desempenhar *tão cedo* uma obrigação, que sem duvida se póde ter por de *nenhuma* urgencia.

LATET ANGUIS.

1330 Pelo governador civil de Angra, diz o jornal d'aquella cidade — que teem sido distribuidas aos mestres e mestras de escholas, e a seus discipulos e discipulas, exemplares da biblia portugueza ao mesmo sr. offerecidas para esse effeito pela sociedade bíblica de Londres. — Sobre recommendar este livro aos seus administrados, diligenciou S. Ex.ª obter maior cópia d'elles para os liberalisar pelos pobres, no que o redactor despende com bom ânimo os seus louvores. — Caíu este redactor e aquelle governador civil na mesma inconsideração, de que tambem nós nos não soubéramos precatar no nosso artigo 329; mas é de esperar que o mesmo, que nós fizémos depois no artigo 786, retractando-nos por convencidos, o pratiquem logo que attentem no êrro, um magistrado, tão respeitavel por sua sciencia e zêlo, e um escriptor tão illustradamente sollicito do bem publico.

São aquellas biblias industriosamente vertidas, segundo o sentido erróneo dos protestantes; e portanto heterodóxas, e prohibidas no verdadeiro catholicismo. Nem os fieis as podem receber, nem as auctoridades seculares propagal-as sem approvação dos pastores espirituaes, nem estes certamente concedel-a. — ¿ Mas — argumentará alguem — se não as ha catholicas, derramadas gratis? — Esperemos que as haja; essa mesma falta nos obrigará a appressarmo-nos para imitar na diffusão da verdade o zêlo, que outros mostram na diffusão do êrro. — Eis-ahi um verdadeiro monumento para que valia a pena de tirar esmola. — ¡ Cem contos de réis que ha-de levar uma pedra italiana incapaz de produzir coisa alguma, em que milhares de biblias se não poderam transformar, uma só das quaes poderia vir ainda a ser mais util que milhões de monumentos! Mas deixemos o monumento por não defraudar a juncta, que tem ligada a elle a sua gloria. — ¿ Não está ahi uma associação que se chama da Fé? ¿ Não levanta ella annualmente por um tributo voluntario e espontâneo, e não como o que se anda extorquindo para o monumento, uma somma enorme destinada, segundo se diz, para dilatação da christandade? Pois bem: ¿ esse dinheiro, ou parte d'elle porque se não empregaria desde já na reimpressão das sagradas lettras? — Vae para as missões do levante. Excellentemente; mas quando o pão não chega para todos, primeiro se reparte aos filhos da casa. — Emquanto em Portugal houver individuos e povoações, que por falta de eschola christã e de livros apodrecem n'uma ignorancia quasi gentílica, mal póde a charidade consentir que o oiro, que podia resgatal-os, sáia das mãos já quasi exhaustas de seus irmãos para ir em re-

giões longínquas ajudar a fundação de egrejas novas.

Aos cabeças das Associação da Fé em Portugal offerecemos esta grave ponderação, como requerimento.

UM GATUNO DE CONSCIENCIA.

1331 A 31 do mez passado descia de uma casa na rua larga de S. Roque, onde fôra fazer certa visita, um sujeito aceado com suas esporas e chicotinho: não encontra á porta o cavallo, que havia entregado a um d'esses galopins, que a todas as esquinas se vos offerecem para pegar na rédea: lança os olhos para um e outro lado; não avista o muchacho, mas o quadrupede passeia sósinho tão á sua vontade, que nem sella traz, nem freio, nem coisa alguma de vaidades mundanas: estava no estado de natureza, n'aquella silvestre liberdade, de que se gosaram seus maiores, emquanto entre homens e cavallos se não fez o contracto social, de que falla o nosso lyrico *Leitão de Gouvêa*. Apoderou-se d'elle novamente, e levando-o, em vez de ser por elle levado, lá se foi fazendo pelo caminho graves reflexões sobre a imprevidencia humana, que, nem sequer ao talhar uma sella, póde adivinhar ao certo para que especie de lombo está trabalhando.

BOLETIM ARCHITECTÓNICO.

1332 Vae medrando a olhos visto o *agrião*. Não ha receio de que séque: tem um famoso poço, onde, louvado Deus, não falta agua. Em aquelle se exgotando apparecerão mais, que para mais e para tudo, menos para cargas pesadas, é o bom do terreno.

PREDESTINAÇÃO CÍNICA.

1333 Ninguem sabe para que nasce. — Conta a *Revolução de Septembro*, que na semana passada entrára uma mulher das bandas de *Palmella* para o hospital dos doidos d'esta cidade, persuadida, de que por feitiços que lhe deram, se acha ao presente convertida em cão, e que apenas se viu na enfermaria investíra com as companheiras, ladrando, mordendo e rasgando.

LINCES.

(Carta.)

1334 Li na Revista Universal, dois artigos n.os 1044 e 1191, sobre a féra enigmatica, que foi morta por um caçador do Logar de *Paços*; pela discripção, que se faz dos signaes da mesma féra, é justamente uma Loba Cerval, a que os camponezes d'estes sitios chamam *Lobo Sorvato* ou *Liberne*, de cuja especie ha muita abundancia, por estas partes; e não são tão feroses, como se inculca nos ditos artigos; porque não consta que tenham avançado a pessoa alguma de maior ou menor edade. Ha pouco mais de um anno que n'uma montaria, que se fez nas immediações de *S. Romão de Panoias*, morreram tres d'aquelles animaes, dos quaes dois foram mortos por caçadores d'esta villa; — e não se faz montaria alguma por estes sitios em que se não matem alguns, aproveitando-se-lhes as pelles para varios usos.

Para destruir o terror, que, sem duvida, se terá espalhado pelas visinhanças do sitio, aonde foi morta aquella Loba Cerval, me resolvi a escrever estas linhas. De V.

Antonio Joaquim Godinho de Barahona.

Aljustrel 5 de Janeiro de 1843.

MACRÓBIA.

1335 De Castro Marim escrevem á *Restauração*, haver sido n'aquella villa sepultada a 20 de janeiro Maria Thereza, mãe de cinco filhos e mulher de cem annos menos poucos mezes. Conservou inteiras até á ultima as suas faculdades, e expedição e desembaraço nos trabalhos domésticos.

THEATRO NORMAL.

1336 O serão de 4 de fevereiro no theatro da *Rua-dos-Condes* compoz-se de duas partes, tão distinctas e avessas, que davam a lembrar a lucta do bom com o máu principio, e permittiram ser por espaço de tres horas manichêu. Sejamos justos, tal lucta em similhante theatro já não é para desagradecer. — Luctou a nacionalidade com a estrangeirice porca; luctou a razão, o bom gôsto e a arte com a *ópera lyrica* parodiada; luctou finalmente com um Castello de Heroes portuguezes um *diabo italo-gallo-portuguez*, e um bando de ladrões musicantes da sua sucia.

O CASTELLO DE FARIA, drama original em cinco actos pelo Sr. *J. C. Cascaes*, e premiado pelo Conservatorio, subia pela primeira vez ás *provas publicas*. — Seria aqui logar para julgal-o litterariamente; mas não o poderiamos hoje fazer senão de corrida; e um drama nacional é ainda coisa tão rara, que a seu respeito uma d'essas críticas sem ceremonia e superficiaes, como se hoje costumam, transcende todos os fóros de indecencia Não podendo pois dissecal-o hoje com o devido vagar e circumspecção, só diremos em poucas palavras o que nos parecem verdades irrefragaveis.

É evidente que o auctor não só possue o talento dramatico, mas o cultiva com amor. Do seu primeiro drama o *Valido* vae tanta differença para este segundo, que suppondo o progresso em egual proporção, o terceiro ou quarto, que haja de escrever, poderá já merecer os gabos de obra prima. — Oxalá que elle persevére, porque muitos dos que vieram com o tempo a ser tidos por mestres no theatro, não revelaram o seu talento por mostras superiores a estas suas. Em geral o Sr. *Cascaes* patentêa fôrça inventiva, consciencia, sensibilidade, applicação, conhecimento do coração humano, e sobretudo uma decidida tendencia para a nacionalidade — virtude preciosa em todo o tempo, e em toda a parte, mas hoje entre nós preciosissima, porque perdida ella já não teremos outra ancora de salvação: o complexo de taes qualidades em um unico sujeito, e taes manifestações em um auctor, que apenas principia, bastaram para escurecer na composição muitos e graves defeitos, se n'ella os houvesse, quanto mais os poucos e levissimos, que se lhe encontram: e que em geral, quanto a nós, se podem reduzir a dois. — Pouco e insufficiente desinvolvimento nos charactéres; de que resulta parecerem muitos dictos e acções não motivados ou contradictorios; — e stylo frequentes vezes alheio da profundidade intellectual ou moral dos lances, a que se applica, peccando já por excesso e já por míngua. Outro dia explanaremos pela análise o nosso pensamento, certos de que um espirito que tantos meritos incontestaveis deve sentir em si, longe de se offender com a nossa franqueza a acceitará pelo contrario como prova de amor para com a arte, que elle tão aproveitadamente cultiva, e do nosso sincero desejo de o vermos cingir, de anno para anno, mais honrosos loiros n'essa emi-

nencia litteraria, onde tão poucos ingenhos, ainda dos mais illustres, se abalançam. O publico recebeu comapplausos o CASTELLO DE FARIA.

A este quadro de heroicidade portugueza, calculado para nos influir brios de nacionalidade, seguiu-se como acinte o *Fra-Diavolo*, uma das bem conhecidas assuadas musicas pregadas á queima-roupa á nossa nacionalidade, apontoado de rodilhas scenicas, çujamente feito em França e mais çujamente trazido para aquella baiúca de adellos pelo sordido amor de um ganho ephémero.

Havia portuguezes na platéa — patearam. — Havia tambem melomaníacos d'estes, que em ouvindo a bandurra de um Orpheu, mas que seja de obra grossa lá se vão em vertiginoso remoinho traz elle como apóz o antigo se íam as pedras, as cabras, e os troncos, — os melomaníacos refutaram com palmas a pateada, que entretanto não cessou, nem podia cessar, porque a parte portugueza da platéa tinha subido pelo primeiro drama ao sentimento sublime da nacionalidade, e o *Fra-Diavolo* a fazia descer de chófre, — era um trato de polé, era impossivel não estrebuchar. — Deixemos porém a discordancia de gôsto ou de razão entre a platéa e a platéa. Alli, o approvar e reprovar é um direito, que se compra á porta, e de que se póde usar impunemente. Fallemos de um confiicto de nova especie, inaudito, atrocissimo, intoleravel, mas tolerado alli: — o do tablado e orchéstra com a platéa.

A pateada foi julgada injusta pelos actores, que se achavam em scena e por alguns dos executantes do instrumental. — O actor *Lisboa* com um despêjo de que não ha exemplo desde o tempo, em que Néro, hystrião, mandava matar a quem não applaudia o seu canto, o actor *Lisboa*, com o orgulho, que provavelmente lhe influia o seu papel de inglez *milord*, interrompendo a representação disse, alto e bom som, contra os spectadores, estas cacophónicas palavras, que só ao director e ao empresario (como bem observa a *Restauração)* se deveriam dirigir — «*os actores, que aqui cantam não são musicos*» — ¡ Grande novidade! — ¿ E porque outro motivo os pateava a platéa, e os tem pateado, e os ha-de eternamente patear a imprensa? — A desculpa não foi mais nem menos do que uma solemne e superabundante confissão do delicto; mas saíndo de quem saíu, dada no momento, em que se deu, e por corôa de galhardia acompanhada de um tom sobranceiro e despresador, foi um crime, que se a platéa fosse ou mais portugueza ou mais estrangeira não deixaria de punir severamente. — ¡ Que o fizessem em Londres, que o fizessem em París! — Em París, o proprio *Talma*, o ídolo da nação, o talento, o genio, o prodigio, *Talma*, por uma leve descortezia, tão inferior á do Sr. *Lisboa* quanto o Sr. *Lisboa* é inferior a *Talma*, foi constrangido uma vez (e não reincidiu) a vir de cabeça baixa, com os olhos arrasados de agua, e o nobre aspecto assollado de pêjo, pedir humildemente perdão sobre as mesmas tábuas, onde tantas vezes triumphára. — Veremos o que farão no caso o magistrado policial do theatro, e o inspector geral de todos elles. A platéa ainda poderá chamar á sua paciencia generosidade; mas á generosidade dos magistrados só poderia caber o nome de covardia: a offensa, que tem obrigação de vingar, foi feita ao povo, que elles representam.

Alguns dos musicos da orchéstra, animados pela impunidade do comico, não só palmearam o que muitos cidadãos pateavam, mas ousaram voltar-se para elles com modos e vozes de ameaça, segundo affirmam pessoas de credito, que os ouviram. — Compreendemos que taes pateadas lhes desagradem; — as noites de ópera, segundo parece, rendem-lhes mais que as de declamação: aquellas magestades da orchéstra não gostam que lhes contendam com os direitos da corôa; — mas o direito de disputarem os que são pagos para divertir com os que pagam para ser divertidos, é pelo menos um direito novo, e que as auctoridades constituidas não podem de modo algum reconhecer.

A ópera lyrica já se não contenta com a usurpação tácita, aspira a tirannia descoberta. Hontem apenas cacarejava como gallinha chóca, hoje é gallo soberbo, não no canto, que o orgam da *cacarejividade* ninguem lh'o tira por mais que façam, mas no bico insolente e nos esporões. Deixem-n'a ir no seu progresso, e ainda esperamos ver ao levantar do panno duas alas de granadeiros perfilados com os bastidores para sustentarem a tiro as parvoices empresarias; e os hystriões arremessarem laranjas podres e patacos ás caras dos spectadores. — Para mais e muito mais é a tabernice normal, e a paciencia da platéa. — Quando esse dia chegar havemos de aconselhar, que se encommende ao Sr. Lodi um *monumento com estatua* á ópera lyrica, e nós lhe diremos, que retratos e nomes se devem pôr nos baixos-relêvos do pedestal.

DISTRACÇÃO.

1337 Um de nossos litteratos mais distinctos saía de sua casa, quando um de nossos artistas musicos mais habeis lhe chegava á porta — «Agora mesmo ía eu procural-o» — diz o primeiro. — «Excellentemente — responde o segundo, — tenho um favor que pedir-lhe.» — «Recebi uma carta.» — »E eu outra» — «Que não percebo.» — «Nem eu a minha, e por isso é que venho consultal-o.» — «Vel-a-hemos; mas primeiro me ha-de dizer como hei de responder a esta.» — Ambas as cartas se presentam ao mesmo tempo. — Na que era dirigida ao litterato, se lhe pedia com o maior empenho, adaptasse algum trêcho de musica bonito e analogo á lettra de uma chácara, que inclusa se lhe remettia: — e o litterato não distinguia o *dó* do *ré*. — Na do compositor requeria-se-lhe com o maior empenho, que désse uma descripção, quanto possivel fosse exacta, dos trajos assim de mulher como de homem, civís e militares no tempo d'elrei D. João II para se vestirem appropriadamente as figuras de uma comedia, que já se andava a ensaiar; estudos a que o bom do compositor era completamente estranho. Ambas estas cartas vinham escriptas com a mesma letra, e assignadas com o mesmo nome: o nome do auctor da chácara a quem a peça pertencia. O poeta (on peut être, à mon sens, homme sage et distrait) havia feito como o Leandro de Regnard, que, escrevendo duas cartas de amores, pôz o nome de Isabel na de Clarice e o de Clarice na de Isabel.

Deslindado o negocio e trocadas as cartas tudo se arranjou ás mil maravilhas: o excellente drama, que esteve em perigos de levar emvez de musica algum *charivari* como os da ópera lyrica, e por vestuario alguma normalidade como muitas dos Condes, sairá verdadeiro nos trajos como em tudo o mais, e, como em tudo mais, delicioso na cantoria.